

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Raquel Coneglian Franchito

A expressão das emoções na internet: uma análise psicossocial dos
comentários despertados por notícias sobre suicídio

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

São Paulo

2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Raquel Coneglian Franchito

A expressão das emoções na internet: uma análise psicossocial dos
comentários despertados por notícias sobre suicídio

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção do título de
Mestre em Psicologia Social, sob a orientação da
Professora Doutora Bader Burihan Sawaia.

São Paulo

2013

BANCA EXAMINADORA

DEDICATÓRIA

Aos meus maiores Mestres: meus pais, Lucia e Ricardo.

Ao Lincoln, por todo amor e inspiração.

À vó Tita, pela amizade sem fim.

AGRADECIMENTOS

Escrever este trabalho foi um grande prazer, mas o subtexto que sustenta esta pesquisa está nos encontros com pessoas que expandiram minhas reflexões, ajudaram-me a ir além das intensas paixões tristes e das ilusões mais imediatas. Como aprendiz de pesquisadora também fui convidada a enfrentar meus medos e superar minha tendência à inação. Aproveito este espaço para agradecer algumas das pessoas que fizeram parte deste universo durante os anos que participei da Pós-graduação na Psicologia Social:

À professora Bader Burihan Sawaia, sempre presente na construção de todo este trabalho, agradeço o convite à ação e a orientação firme de ir além da indignação, deixando o exemplo de quem tem muita coragem e luz.

Aos professores e professoras: Maria Regina Namura, por todo apoio e incentivo desde a graduação; Lavínia Magiolino e Antonio da Costa Ciampa, pelos excelentes direcionamentos no exame de qualificação; Maria do Carmo Guedes e Fúlvia Rosemberg, pelo rico aprendizado em suas aulas sobre os primeiros passos do aluno-pesquisador.

À coordenação do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social, principalmente a secretária Marlene Camargo, muito coerente e competente, assim como o professor Odair Furtado;

Às instituições Capes e CNPq pelo apoio financeiro concedido em diferentes momentos da pesquisa.

Aos amigos com quem trabalhei no NEXIN: Luiz, Cécile, Jamila, Fátima, Naiara, Margarida e Marlito. E o amigo Danilo Ricardo Ribeiro que gentilmente elaborou as fórmulas das planilhas para a organização do material empírico.

RESUMO

Para colaborar com as reflexões sobre internet na Academia, a motivação principal desta pesquisa foi pensar, dentro da Psicologia Social, essa tecnologia como instrumento comunicação e relação social. Duas notícias sobre suicídio foram escolhidas devido ao forte impacto emocional que refletem nos comentários em resposta, na internet. Os comentários, veiculados publicamente na internet, foram coletados entre os meses de março e abril de 2011, na rede social Twitter.com e no site de jornalismo Folha.com. A seleção dos comentários foi guiada à luz da ideia de afeto em Espinosa e da teoria vigotskiana. Assim, o delineou-se como objeto da análise a expressão das emoções e os sentidos do sofrimento do outro. Na primeira notícia, sobre o suicídio de uma atriz, entre os sentidos do seu sofrimento prevaleceram explicações moralistas sobre sua “má” conduta, e o suicídio como ato consciente, associado à ideia de livre arbítrio no senso comum, além de sugestões de prevenção que banalizam seu sofrimento. Já no segundo caso, da notícia de um jovem que matou 12 crianças e depois cometeu suicídio, os sentidos que aparecem ignoram seu suicídio, mas se voltam ao sofrimento às vítimas mortas e seus familiares, a religião aparece como a motivação do crime, de forma imaginária e preconceituosa nos comentários. Em ambos os casos aparecem críticas ao sensacionalismo ou a forma espetacular das notícias na grande imprensa. Dentro deste recorte, sobre as emoções, os resultados da investigação apontaram a comunicação na internet como linguagem semelhante à linguagem interior, por ser uma escrita oralizada e complexa, onde as expressões das emoções transmitem uma ideia de movimento na comunicação e nos relacionamentos construídos na internet.

Palavras-chave: internet, sentidos, afetos, sofrimento ético-político

ABSTRACT

To contribute with the Academic reflections on internet, this research aims to analyze, within Social Psychology, this technology as a communication and social relation instrument. Two news about suicide were chosen because of its intense emotional impact as seen on comment replies at the internet. The comments, public posted on internet, were collected between the months of March and April of 2011, on the social network Twitter.com and the journalism website Folha.com. The comments were selected under the guidance of Espinosa's concept of affect and the vigotskian theory. The object of analysis was limited to the expression of the emotions and the suffering sense of the other person. In the first news about an actress who committed suicide, the senses at the comments were about moralistic explanations about her "evil" behavior, and suicide as free will act as seen in the common sense, as well as prevention ideas about suicide that did not focus on her suffering. In the second news about a young man who killed 12 kids and after that committed suicide, his suicide was ignored among the comments collected and the senses about suffering were directed to the kids and their families or about explanations of the his crimes related to religion explanations with prejudice senses. In both cases there were criticism to journalism and media. Other results of the investigation pointed at the communication on the internet being similar to the self language, spoken-written and complex, where the expression of the emotions conveys an idea of movement on the communication.

Keywords: internet, senses, affections, ethical-political suffering

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. “Como descobrir se é hora de deletar seu Orkut?”, p. 42

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. “Afetos, pessoas e ideias relacionadas com as emoções expressas nos comentários”, p. 82.

SUMÁRIO

1 Introdução	11
2 Procedimentos metodológicos	21
3 Compromisso ético-político com o sofrimento do homem	30
4 A potência de (des)humanização na internet	39
5 Afeto e técnica.....	55
6 Análise dos comentários	64
7 Discussão final	96
8 Bibliografia.....	109

1 Introdução

1.1 Apresentação

Na graduação em Psicologia conheci a linha de pesquisa em Psicologia da Arte, apresentada pela professora Maria Regina Namura, que orientou minha monografia para a conclusão do curso. Esta introdução à pesquisa aproximou meu interesse pelo tema da arte e dos processos psicológicos relacionados à atividade criadora com a Psicologia Social, quando conheci a categoria sentido nas reflexões sobre arte a partir da teoria de Lev Vigotski.

Após uma compreensão das possibilidades de transformação humana através da arte dentro da perspectiva materialista histórico-dialética, voltei-me para uma crítica à grande mídia, em um estudo bibliográfico comparando a produção de sentidos na mídia e na arte, da passividade à criação.

Na busca da compreensão do homem criativo, um homem cujo potencial de expansão acontece por meio de suas ações e relações, Vigotski afirmou em sua época que “A arte é o social em nós” (VIGOTSKI, 1999, p. 315). Conforme Namura (2003), esta afirmação é fundamental à compreensão do sentido e a relação desta categoria com as emoções humanas. Esse pensador compreende a arte não ao exemplo da teoria do contágio, quando o sentimento de um indivíduo contagia a todos, mas exatamente o contrário: para Vigotski (1999) a arte é técnica social do sentimento, que permite incorporar ao ciclo da vida social os aspectos mais íntimos e pessoais do homem. Ao me deparar com sua obra, permeada por esta concepção de homem, cada vez mais me atraíam as categorias teóricas e de análise da Psicologia Social,

trazendo algumas respostas e muitas reflexões a respeito do movimento do homem moderno, que, mesmo entre as extremas contradições e desigualdades da sociedade contemporânea, continua a criar novas possibilidades e caminhos de transformação e expansão.

Participando como aluna ouvinte no NEXIN, em um momento onde as discussões filosóficas sobre afetividade giravam em torno das questões contemporâneas sobre tecnologia, a internet foi apontada como uma possível ferramenta de “anestesia” para os jovens usuários das redes sociais, com a ilusão de aumentar o potencial de ação, mais do que instrumento de ação e comunicação. Estas questões pareciam ir ao encontro da discussão que produzi no meu trabalho de conclusão de curso da graduação em Psicologia, sobre o “peso” da grande mídia na produção de sentidos do homem contemporâneo. Assim, submeti meu projeto de pesquisa ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social. Naquela época influenciada pela discussão ao que Gilles Lipovetsky (1989) retratou como “A era do vazio”, referindo-se ao individualismo exacerbado que assola a sociedade contemporânea e o nosso cotidiano.

Sobre a manipulação da informação, escreveu Perseu Abramo (2003), é a própria manipulação da realidade. Em síntese, *“A sociedade é cotidiana e sistematicamente colocada diante de uma realidade artificialmente criada pela imprensa e que se contradiz dominando a realidade real que o sujeito vive e conhece. Fragmentado no leitor ou telespectador individual, o público só percebe a contradição quando se trata da infinitesimal parcela de realidade da qual ele é protagonista e que, portanto, conhece”* - estas reflexões iniciadas na graduação são pertinentes e não podem ser ignoradas porque reforçam a dualidade da técnica. Por outro lado, considerando que se até poucas décadas atrás somente a passividade restava para o espectador isolado, atualmente e a princípio o espectador é capaz de opinar e até interferir na forma como os fatos são noticiados. Para isso as ferramentas mais utilizadas surgiram com as novas tecnologias digitais sendo que muitos sites,

softwares e aplicativos são criados pelos próprios usuários¹, e mais recentemente, nas “badaladas” redes sociais. Ao mesmo tempo em que o homem é espectador, ao viver a mesma realidade noticiada pelas mídias tradicionais, pode publicar seu conteúdo, deixar em registro sua relação direta com a realidade na “rede mundial de computadores” simultaneamente à programação tradicional da grande mídia, através de seus aparelhos quando conectados à grande rede. No capítulo 4, “A potencia de (des)humanização na internet” esses apontamentos serão discutidos.

Por isso foi ressaltado na evolução deste projeto o interesse em entender também a criatividade e a expansão da vida neste contexto midiático e tecnológico. Compreender através do indivíduo as transformações na sociedade é algo fascinante da pesquisa em Psicologia Social. Em uma nova leitura necessária para o trabalho no mestrado, no capítulo 5, “Afeto e técnica”, procurei estudar os afetos humanos em Espinosa, para ampliar o alcance da categoria vigotskiana de sentido, centro do meu trabalho anterior sobre a crise de sentido na grande mídia, e continuar a trajetória no contexto da internet. O conceito de linguagem interior desenvolvido por Vigotski, conforme sugestão no exame de qualificação, ofereceu subsídios para a análise do subtexto na internet. Essa conclusão é exposta no capítulo 7, da “Discussão Final”. Espera-se iniciar com esta pesquisa um trabalho que colabore com outros pesquisadores interessados em investigar criticamente a comunicação na internet como forma de relação e ação social.

1-O estudante e ativista americano Aaron Swartz, participou da criação de protocolos de comunicação, de redes sociais e defendia o acesso público aos artigos científicos na internet, contrário às cobranças das editoras e as limitações do acervo acadêmico de um conhecimento que todos deveriam ter acesso. Por acessar e compartilhar arquivos de universidades americanas foi preso e condenado até 30 anos de prisão, com apenas 26 anos de idade. Em janeiro de 2013, antes do julgamento foi encontrado morto em seu apartamento, com suspeita de suicídio. <<http://www.publico.pt/tecnologia/noticia/aaron-swartz-fundador-do-sistema-rss-suicidou-se-aos-26-anos-1580563>>

1.2 Justificativa

Internet, tema interessante para uma aluna de mestrado, que oferece muitas possibilidades de pesquisa, por se tratar de um tema complexo, controverso, recente, sem consenso na academia sobre o assunto. São diversas as abordagens teórico-metodológicas de investigação neste contexto, mas ainda em fase exploratória e sem orientação clara sobre procedimentos, no primeiro semestre foi fundamental o encontro com o livro *Métodos de pesquisa para internet* (FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2011), que traduz a literatura existente da tradição de pesquisa acadêmica com internet em outros países para o leitor brasileiro, das primeiras às mais recentes investigações.

Um tema que chamou atenção no início da exploração da internet como objeto de pesquisa foi o suicídio, como visto na notícia sobre o suicídio de Simone Back, uma inglesa de 42 anos. Simone contava com 1.082 amigos em sua lista no Facebook e publicou no seu perfil no site, em 25 de dezembro de 2010 a seguinte frase: “Took all my pills be dead soon so bye bye every one.” (DAILY MAIL REPORTER, 2010). Conforme a notícia nenhum dos 1.082 amigos de sua lista verificou a situação desta mulher em sua casa. A publicação de Simone recebeu comentários, mas, como lamentou a sua mãe, muitos desses amigos moravam próximo de Simone e ninguém providenciou socorro a sua filha que foi encontrada morta em casa na manhã seguinte.

Casos semelhantes são frequentes na internet como o caso de Vinicius, brasileiro que em 2006, com 16 anos de idade, disponibilizou em tempo real, via internet, a transmissão do vídeo de seu próprio suicídio de sua casa em Porto Alegre (REVISTA ÉPOCA, 2006). Além da reação e dos comentários sobre o suicídio de Simone Back, noticiados na mídia inglesa, outra notícia sobre suicídio na época que influenciou a opção pelo tema foi a parceria do Facebook com a ONG britânica dos Samaritanos:

“O Facebook anunciou o lançamento de um sistema que permite que os usuários comuniquem à equipe do site sobre

amigos que eles acham que podem estar considerando o suicídio. (FOLHA.COM, 2011).”

O desenvolvimento de um alerta de suicídio no site foi justificado pelo grande número de pessoas que anunciaram o suicídio em suas páginas pessoais do Facebook. O sistema de alerta para suicídios no Facebook parece ir em direção oposta à valorização das amizades anunciadas pelo site, tratando-se de uma ferramenta de denúncia. Os supostos amigos do suposto suicida continuam passivos diante da situação como meros espectadores, pois o socorro, conforme exposto na notícia, será providenciado pela organização dos Samaritanos na Inglaterra. Assim, as tecnologias de comunicação midiática crescem com a promessa da liberdade de expressão, ou melhor, de interatividade. Porém, as mesmas tecnologias também podem direcionar o que deve ser expresso.

No caso desta pesquisa, durante a primeira exploração foi constatado no direcionamento ao usuário da rede social que *o suicídio não deve ser anunciado, mas denunciado*, trazendo elementos para iniciar a análise das diferentes nuances da comunicação quando normatizada pelas redes sociais.

“O diretor de políticas do Facebook para a Europa, Richard Allan, disse que, com o novo dispositivo, "os amigos serão encorajados a cuidar uns dos outros no Facebook, como fazem na vida real (FOLHA.COM, 2011).”

O suicídio na internet foi se revelando como espaço de pesquisa para ampliar as reflexões construídas com o estudo da teoria de Vigotski sobre a base afetivo-volitiva da categoria sentido na graduação. *Denunciar e não anunciar*. estaria aí uma normatização que explicita que a internet favorece a indiferença perante o sofrimento do outro, a banalização? As comunicações sobre suicídio na internet explicitam a questão da publicização do privado, remetendo a análise de Hannah Arendt (2008) sobre a vida íntima. Que são as paixões, sentidos, sentimentos e pensamentos de uma pessoa, e que pode ser desprivatizada e desindividualizada ao se adequar à aparição pública.

O suicídio é fenômeno que mobiliza emoções, e na internet aquele que rompe as barreiras entre público e privado. Segundo Arendt (2008), a dor física é a mais privada e incomunicável - como a morte, e não pode ser sentida por todos porque não pode ser vista ou ouvida no mundo das aparências:

“De fato, o sentimento mais intenso que conhecemos – intenso ao ponto de eclipsar todas as outras experiências, ou seja, a experiência da grande dor física – é, ao mesmo tempo, o mais privado e menos comunicável de todos. Não apenas por ser, talvez, a única experiência à qual somos incapazes de dar forma adequada à exposição pública; na verdade, ela nos priva de nossa percepção da realidade a tal ponto que podemos esquecer esta última mais rápida e facilmente que qualquer coisa. [...] a dor, que é realmente uma experiência limítrofe entre a vida, no sentido de *estar na companhia dos homens (inter homines esse)*, e a morte, é tão subjetiva e alheia ao mundo das coisas e dos homens que não pode assumir qualquer tipo de aparência (ARENDR, 2008, p. 60).”

Será que a internet possui ferramentas que permitem sentir a dor do outro no mundo das aparências? Essas questões constituem o ponto de partida da opção pelo tema, principalmente o compromisso ético-político com o sofrimento do outro.

Citando o filósofo Albert Camus, Santos (2009) afirma que o suicídio é o único problema filosófico realmente sério, ao tratar da decisão mais elementar na trajetória de uma criatura: decidir viver. Esta decisão é compreendida por Santos (2009, p. 198) como uma tragédia, “uma prerrogativa personalíssima - preparada no silêncio do coração, da mesma forma que uma grande obra [...] Antes disso, todas as demais questões se tornam irrelevantes” (SANTOS, 2009, p.198). E por isso impossível manter-se indiferente à decisão de alguém em julgar se a sua vida merece ou não ser vivida.

A opção definitiva pelo tema ocorreu quando me deparei com a notícia do suicídio da escritora e atriz Cibele Dorsa, em São Paulo, ainda no primeiro semestre do mestrado, em 26 de março de 2011, e percebi que os

comentários das notícias deste caso se assemelhavam aos comentários do suicídio da inglesa Simone Back. Neste dia, Cibele Dorsa publicou em seu Twitter: "LAMENTO, EU NÃO CONSEGUI SUPORTAR A MORTE NOS MEUS BRAÇOS MAS, LUREI...ATE ONDE EU PUDE". Conforme a notícia no site da Folha (2011) "A atriz lamentava a morte do noivo, o apresentador do canal E! Entertainment, Gilberto Scarpa, que se suicidou em janeiro deste ano, aos 27 anos. Sua morte foi comunicada pela própria Cibele, no Twitter".

Em sua dissertação de mestrado, pesquisa realizada no NEXIN, Marcimedes Silva (2008, p. 8) demonstra que o suicídio é um ato de comunicação: "O suicídio é um gesto de comunicação social que muda o *status* do sujeito através de um ritual de passagem e metamorfose – o suicidando é agregado à sociedade após o gesto suicida no papel de suicidado. (...) o suicidado recupera a imagem do homem ativo, dono da própria vida e capaz de influenciar a realidade". Ou seja, ao procurar uma inclusão, uma comunicação, na internet, o suicida busca a visibilidade de afetar e ser afetado.

Se este ato é divulgado pelas redes sociais, com seus regulamentos dos protocolos de comunicação, e, conseqüentemente, dos encontros, surge então a seguinte questão: como o suicídio, gesto de comunicação, na internet pode passar despercebido ou até visto como uma brincadeira², ridicularizado no cotidiano, entre outras interpretações, mesmo se tratando de uma tragédia pessoal? Chegando a ser alvo de preconceito, conforme texto recentemente publicado e traduzido no Brasil *Sobre Suicídio*, onde Karl Marx (2008) comenta o texto de Peuchet, um escrivão da polícia em Paris:

"O que dizer da indignidade de um estigma lançado a pessoas que não estão mais aqui para advogar suas causas? De resto, os infelizes se preocupam pouco com isso e, se o suicídio culpa alguém, é, antes de tudo, as pessoas que ficam, já que, de toda essa grande massa de pessoas, nem sequer um

2-Em apresentação do meu projeto à turma da atividade programada Ciberpolítica no programa de Ciências Sociais da PUCSP, um colega exclamou que sua aluna fez o mesmo. Questionei de que trabalho se tratava e ele disse que não se tratava de um trabalho, mas que esta menina de 16 anos, sua aluna, havia anunciado seu suicídio para os seguidores (inclusive para ele), em tempo real, no Twitter. Segundo este colega nenhum dos seguidores da jovem acreditou ou procurou socorrer a menina que faleceu, e os que se expressaram apresentaram descrença e desprezo pelo seu comunicado.

indivíduo foi merecedor de que se permanecesse vivo por ele (MARX, 2006, p. 27).”

Instigada por esse acontecimento, decidi acompanhar as publicações na internet no caso do suicídio da atriz. As notícias sobre este caso pela internet, a publicação de sua carta de despedida pela Revista Caras, todo o sensacionalismo e exploração deste caso pela mídia – Cibele foi convidada à diversos canais da mídia, TV Fama, revista Caras, Contigo, que durante meses após o suicídio do namorado, venderam seu desespero como fofoca, o que foi multiplicado em intensidade inclusive na internet quando Cibele anuncia o próprio suicídio.

Na mesma ocasião é divulgado outro caso ainda mais comentado nas redes sociais, do jovem Wellington de Oliveira, morador de Realengo, Rio de Janeiro. Apesar de tratar-se de um caso diferente de Cibele, é considerado nas notícias também como um ato de suicídio. Em 8 de abril de 2011: “Wellington Menezes de Oliveira, 23, invadiu a escola municipal Tasso da Silveira e atirou em diversos estudantes. Ao todo, morreram dez meninas e dois meninos. Oliveira cometeu suicídio após os crimes” (FOLHA.COM, 2011). Este acontecimento trouxe à tona debates “adormecidos” em torno de diversos interesses de diferentes classes profissionais, desde o ‘desarmamento’ até a defesa pelo retorno da internação compulsória em hospitais psiquiátricos³. Com essa forma de manipulação de informações, gerando pânico entre o público com os vídeos e fotos de Wellington que virou o “monstro” do “massacre” em Realengo, publicados na televisão em horário nobre e nos jornais digitais gratuitamente para todos os cantos do mundo. Wellington foi enterrado como indigente. A Rede Globo recebeu nota de repúdio⁴ pela Defensoria Pública da União devido ao “dano moral coletivo” que gerou com o sensacionalismo nas notícias sobre as mortes em Realengo. A polícia do Rio de Janeiro enviou ofício

3-“Um grito pela internação”. Diário de São Paulo, 14/04/2011: “Fizeram uma loucura, (...)tentaram acabar com a psiquiatria”-em entrevista sobre Wellington, o psiquiatra Valentim Gentil do Hospital das Clínicas/USP, critica a política antimanicomial.

4-Defensor repudia divulgação de vídeo do assassino de Realengo:
<http://www.dpu.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4195:defensor-repudia-divulgacao-de-video-do-assassino-de-realengo&catid=79:noticias&Itemid=220>

à emissora alegando não saber a procedência de um dos vídeos de Wellington exibidos no programa televisivo Fantástico⁵. Estes dois últimos fatos, no entanto, não ganharam a atenção do público, muito menos em horário nobre.

Dois suicídios ocorridos ao mesmo tempo cronológico e divulgados por diferentes motivos: um, por revelar a vida de uma celebridade e outro por conta do ato trágico que cometeu antes do suicídio. Um apresentado como a atriz em sofrimento, o outro como o atirador do Rio que matou doze pessoas. As diferentes notícias causaram comoção social de diferente qualidade, o que permitirá uma rica comparação sobre os afetos circulados nas redes sobre cada um deles.

Explicitar os afetos nos comentários sobre suicídio na tentativa de entender esta recepção, valorizar a compreensão da ação do sujeito, de suas afecções corporais, que, se desaparecem ou estão invisíveis nas tecnologias midiáticas contemporâneas, deixam suas marcas e seus rastros na internet através das expressões dos usuários nos *posts* (publicações) nas redes sociais, onde estes mesmos dados podem ser usados para “alimentar” outras notícias.

Portanto, elege-se a emoção como uma categoria de análise, seguindo sugestão de Silvia Lane, inspirada em Vigotski, quando destacou a relevância dos “estudos que apontam para a natureza social e o caráter comunicativo das emoções – ou seja, elas se constituem numa linguagem cujas mensagens podem tanto desencadear o desenvolvimento da consciência como fragmentá-la” (LANE; SAWAIA, 1995, p. 57). Este debate é dirigido, dentro da Psicologia Social, com o objetivo de participar das reflexões sobre internet e, se as observações iniciais destacaram nas notícias e respostas sobre suicídio o sofrimento e o afeto como questão ética e política, com a evolução dos estudos teóricos e da revisão de literatura sobre internet esta

5-SESEG afirma não saber a procedência da filmagem em que Wellington de Oliveira fala sobre motivação do crime:<<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/rj/policia+enviara+oficio+a+tv+globo+para+solicitar+video+de+atirador/n1300070197721.html>>

tecnologia é destacada como instrumento de comunicação, ações e relações sociais. Assim, destacou-se nas análises do sentido e dos afetos emergentes no material empírico o questionamento se a internet pode ser pensada como instrumento que fomenta o *compromisso ético-político* com o sofrimento do outro.

Se por um lado há um debate dentro da Academia sobre a internet como favorecedora do individualismo, da banalização do outro, monólogos “autistas”, ao analisar as respostas às notícias não restaram dúvidas que os usuários foram afetados, mas, será possível afirmar que poder de expressar os afetos em rede potencializa as reflexões e o *sentir com*, no caso desta pesquisa, o sofrimento do outro? Com este estudo espera-se refletir sobre a potência de humanização da internet ao destacar nas comunicações o compromisso ético-político com o sofrimento do homem.

2 Procedimentos metodológicos

2.1 Objetivos

2.1.1 *Objetivo Geral*

Analisar a recepção de notícias de suicídio na internet nos registros escritos deixados pelos usuários, com destaque às emoções.

2.1.2 *Objetivos Específicos*

Analisar:

- a. Como as emoções são expressas e compartilhadas;
- b. Quais os sentidos do sofrimento do outro;
- c. Verificar propostas de ação explícitas ou implícitas;
- d. Comparar as diferentes respostas nas duas tragédias.

2.2 Método de investigação

A principal questão metodológica que surge na análise pergunta sobre a expressão das emoções *na internet*, ou seja, como as emoções aparecem nos comentários sobre a notícia de suicídio e não as emoções propriamente ditas, dos usuários nem dos suicidados. Não importa assim se são verdadeiras, sinceras ou falsas, virtuais ou reais, mas como são expressas nos registros escritos na internet. As expressões aparecem frequentemente como combinações de informação, porém o caráter afetivo tem destaque na análise. De que forma se apresentam os diversos afetos expressos?

2.2.1 Exploração na internet

As implicações éticas da pesquisa na internet tiveram peso na decisão dos procedimentos metodológicos, principalmente a preocupação com a exposição ou violação de privacidade, afinal, mesmo considerando a internet uma ferramenta pública e global, como visto em Fragoso (2011), muitas pessoas não tem acesso ou compreensão da dimensão dessa publicidade toda que envolve as ferramentas da internet. A pesquisa empírica na internet envolve questionamentos sobre o que é e o que não é público na internet. Com a necessidade de dados empíricos para embasar a reflexão sobre afetividade nesta dissertação a possibilidade de visualizar os comentários sobre suicídio circulados na rede pareceu uma boa estratégia de pesquisa dentro das preocupações relatadas. Implícita nesta opção, a postura ética do “observador silencioso”, definido por Fragoso (2011) como o pesquisador com práticas de entrar em listas de discussão, fóruns, comunidades online, etc. apenas como observador, sem participação ativa e a decisão de permanecer em silêncio, ciente que mesmo sem a identificação há uma transformação no objeto de pesquisa (FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2011).

Portanto, as decisões coincidiram com as sugestões presentes no livro *Método de Pesquisa para internet* (2011) para enriquecer a pesquisa empírica na internet: primeiramente coletar o material empírico, posteriormente definir critérios de análise de acordo com as possibilidades. Desta forma, a problematização, os objetivos e a construção dos capítulos, tomaram como ponto de partida o material coletado no primeiro semestre de 2011, com a decisão de pesquisar *comentários sobre suicídio na internet*. Os comentários sobre suicídio que despertaram o interesse para a pesquisa foram justamente aqueles veiculados através de sites populares, gratuitos, de fácil manuseio, plataformas conhecidas pela pesquisadora enquanto usuária.

Na impossibilidade de entrevistar ou conversar com todos os que registraram seus comentários nas plataformas da internet por aqui pesquisadas, não interessa para esta pesquisa as especificidades sobre os usuários/autores, ou a verdadeira motivação de seus comentários. Parte-se do princípio de que são autores de comentários vinculados publicamente na internet, expressando-se quanto ao fenômeno do suicídio a partir de casos noticiados nos meios de comunicação, através do que as redes permitiram no momento da coleta. Inclusive, em consulta à secretaria do Comitê de ética em pesquisa com seres humanos na PUCSP, devido ao caráter público dos comentários coletados, sem entrevistas com sujeitos, não foi necessária qualquer submissão deste projeto ao Comitê.

2.2.2 Escolha das plataformas

Portanto, foram escolhidas duas plataformas para coleta dos comentários na internet: 1) Folha.com; 2) Twitter.com; pelos motivos que seguem: o site Folha.com, versão online do Jornal Folha de São Paulo, foi escolhido pela abertura para interatividade do jornal na internet, já que todas as notícias acompanhadas estavam abertas às opiniões dos leitores, desde que identificados no formulário abaixo das notícias, cujo preenchimento era obrigatório antes de publicar o comentário. O comentário é anexado na mesma

página da notícia, aberto ao público para visualização de qualquer leitor no acesso ao site. Para comentar, era preciso concordar com os termos de uso. Os comentários podem ser moderados pela administração do site, porém, observou-se, na época, que muitas regras eram fáceis de serem quebradas, por exemplo: mesmo os comentários ofensivos que eram proibidos, tomavam nova forma na expressão, e assim, os usuários do site conseguiam comunicar o que desejavam, por exemplo, ao alterar os caracteres de uma palavra ou separar cada letra, cada sílaba, o usuário consegue manter a opinião e provocar um debate entre os outros leitores.

*“Concordo com vc Suzana, quem somos para julgar as pessoas? Esse é um momento de dor para família da atriz e nada mais justo do que respeitar esse momento, se ela foi ou não **b.a.b.a.c.a** [grifo meu] NÃO nos compete julga-la, isso fica pra DEUS!”*

No entanto, muitos desses comentários coletados, passado o tempo de moderação “humana” e não somente a leitura “automática” realizada pelo mecanismo do site, foram deletados por infringir as regras de uso/comunicação. Outro detalhe é que na Folha a pessoa precisa preencher o campo de “cidade de origem” além do nome, são os dois itens que ficam visíveis para todos os usuários do site, entre os outros itens do formulário, independente da informação ser verdadeira ou falsa. Atualmente há também aviso no próprio site da Folha de que nenhum dos comentários representa a opinião da redação, entre outras exigências para comentar, no termos de uso⁶.

Já o Twitter.com foi escolhido por ser uma rede social, pela possibilidade de manifestação de opinião independente de vínculo obrigatório com qualquer outro canal de mídia, onde os usuários podem criar contas com um nome de usuário que configura o nome da página na internet, apenas informando este nome escolhido para o endereço além de fornecer o próprio nome e seu endereço de email. Os outros usuários do site não tem acesso ao endereço de email ou qualquer outra informação que identifique a pessoa, não

6-<<http://comentarios1.folha.com.br/termos>>

obrigatoriamente. O usuário também pode escolher uma pequena foto pessoal para identificação e exibição em sua página. Além do mais, no Twitter, os usuários podem seguir e/ou serem seguidos em suas publicações, sem necessidade de permissão como é no caso da “lista de amigos” na rede social do Facebook, quando um “amigo” precisa autorizar o outro para que acompanhe sua linha do tempo, exceto, é claro, as páginas no Twitter fechadas para público restrito, uma opção de privacidade quando as publicações aparecem exclusivamente aos usuários aceitos na lista de seguidores do próprio usuário, fora a possibilidade de bloquear um usuário indesejado para que este não possa seguir a página de outro usuário diretamente. O mais interessante do Twitter, para o pesquisador, é o mecanismo de busca do site. Na época da coleta, disponível na primeira página do site e identificada como “public timeline”. O equivalente hoje se encontra na página <www.search.twitter.com>. Ao inserir a palavra-chave no mecanismo de busca, são identificados nos comentários (tweets) diretamente nas páginas públicas do usuários, inclusive comentários repassados (RT – retweet) ou mencionando (@) outro comentário.

Todos os comentários postados em todo o Twitter.com são restritos a 140 caracteres. Com a limitação dos caracteres, e com os usuários se adaptando e conhecendo esta nova plataforma de comunicação, novas ideias foram se aplicando, dentro de um domínio próprio que precisa estabelecer regras de uso. Semelhante à “quebra” de regras da Folha, constatou-se durante a coleta do material empírico que a limitação ao número de caracteres foi também um incentivo à criatividade dos usuários que, compreendendo os mecanismos de uso podem ir além das regras do site para se manifestarem. Um exemplo de nova técnica utilizada foram os aplicativos que diminuem o tamanho dos hiperlinks - o tamanho dos endereços dos sites (URL) - para citação limitada aos 140 caracteres, além do uso das hashtags (#), marcações que indicam o assunto que está sendo comentado, abreviando menções ou maiores explicações, cabendo ao leitor se informar sobre o assunto. Esta forma de expressão através de hashtags também aparece na escrita na comunicação na internet, em outras redes sociais ou outros sites.

2.2.3 Coleta dos comentários

A seleção dos comentários na Folha.com, primeiramente sobre Cibele, em seguida sobre Wellington, foi guiada conforme a informação na página inicial do site que indicava as notícias mais lidas e mais comentadas durante os meses de coleta:

Atriz Cibele Dorsa morre após cair de seu apartamento, em SP;

Corpo da atriz Cibele Dorsa é enterrado em São Paulo;

Corpo de Cibele Dorsa será velado esta noite em São Paulo;

Revista "Caras" publica carta de Cibele Dorsa após decisão da Justiça.

Para Wellington, também foram acompanhadas as notícias mais lidas e mais comentadas conforme o site Folha.com, a partir de 08 de abril de 2011, dia de sua morte.

Sobe para 12 o número de alunos mortos por atirador do Rio;

Atirador no Rio era introvertido, diz ex-colega de trabalho;

Polícia tenta concluir perfil de atirador que matou 12 no Rio;

Ele gritava: 'Fica tranquilo, gordinho, não vou te matar'.

Assim, os comentários coletados nas notícias da Folha foram organizados em planilha, através do software Excel, para facilitar a organização do raciocínio ao interpretar os registros escritos. Todo o material coletado foi identificado conforme título da notícia, link para a notícia, data e horário de acesso da notícia. A listagem dos comentários em coluna foi feita

para facilitar a identificação por categorias nas colunas seguintes, conforme exposto na análise final.

Os comentários no Twitter foram coletados em diferentes horários com o propósito de acessar a opinião de diferentes usuários, seguindo sugestão nos relatos de pesquisa em artigos de pesquisadores brasileiros da cibercultura. Não foi um procedimento de fácil organização, devido à “correria” e as exigências no primeiro semestre do mestrado, além da ignorância da existência de tecnologias para armazenar e organizar as informações coletadas nas diferentes buscas, locais e horários, durante o dia e a noite. Essa coleta ocorreu durante os meses de março e abril de 2011, principalmente as primeiras três semanas do mês de abril, semanas em que as manchetes antigas continuavam a circular, “alimentando” as notícias de comentários. No final do mês a coleta foi encerrada, já que as notícias não estavam mais em destaque na discussão na mídia tradicional ou nas mídias sociais, pelo visto.

No Twitter a busca pelas hashtags (#) que identificassem as notícias na public timeline (mecanismo de busca pública do Twitter) pela palavra-chave “Cibele Dorsa” encontrava, entre todos os comentários, muitos resultados para #CibeleDorsa, e no caso das segunda notícia, na falta de encontrar muitas notícias que mencionassem o nome de Wellington (fato a ser considerado na comparação das duas tragédias pessoais nos capítulos finais), buscou-se pelas palavras “atirador” e “realengo”, e da mesma forma, em muitos tweets apareciam como hashtags #atirador, e #realengo mas não somente.

Os comentários ou tweets foram coletados em “tempo real” (ou seja, simultaneamente), no mesmo dia do acontecimento em Realengo, 07 de abril de 2011, em que foram produzidas muitas reportagens tanto a tarde quanto pela noite, e também em 09 de abril, 13 de abril e 17 de abril, sempre coletados ao final da manhã, início da tarde, final da noite e eventualmente madrugada. Para cada horário, foram criadas planilhas em dois arquivos sobre Wellington um para a palavra-chave “realengo” outro para a palavra-chave “atirador”.

Os comentários para Cibele Dorsa no Twitter também foram organizados em um arquivo com as planilhas conforme data e horário de coleta: 05 de abril de 2011 (o primeiro dia de coleta, dia da tomada de decisão); nos horários: 15h00, 15h20, 20h30, 21h00 e 21h30. Em 07 de abril a busca ocorreu às 15h30 e pela noite. Já em 10 de abril à noite e no dia 17 à 11h40.

Assim, os três arquivos do material coletado no Twitter foram organizados em planilhas, identificadas segundo palavra-chave da busca, data e horário da busca, e listagem dos tweets em coluna. Esta primeira coleta das informações em tempo real gerou 4.517 comentários entre 1.784 de origem do site do Folha.com e 2.733 do Twitter. Hoje, os tweets coletados em 2011 não estão mais indexados na página inicial, onde se encontram na busca do Twitter as postagens mais recentes. Desta forma, muito do material coletado nesta pesquisa encontra-se inacessível ao usuário da internet que acessa tanto as notícias na Folha.com, pela moderação e os termos de uso, quanto no Twitter, devido ao funcionamento do próprio site cujo objetivo é valorizar “o que está acontecendo” em tempo real.

2.2.4 Organização do material empírico

Ficou definido chamar de “comentário” todo registro escrito coletado tanto nas respostas às notícias no site Folha.com ou nas buscas no Twitter (tweets), para facilitar a redação na dissertação. Ao estudar as planilhas e os comentários sobre o caso de Cibele e de Wellington, categorias de análise foram elaboradas para facilitar a identificação da expressão dos afetos, conforme a ideia de afeto em Espinosa, para expor os sentidos ali presentes sobre o sofrimento do outro, na análise final.

Os comentários coletados na internet passaram por uma seleção após a organização em tabelas, para refinar os comentários destacando o que há de mais interessante para a análise. A maior parte foi deletada e entre todos os comentários analisados poucos foram destacados na redação da análise. Entre outros erros da coleta, o próprio mecanismo de busca na public timeline

do Twitter mostrava comentários repetidos, quando a mesma busca em intervalo de vários minutos resultava em publicações repetidas. Por exemplo: as buscas de tweets (comentários no Twitter) pela manhã, e aquelas com a mesma palavra-chave pela noite, resultavam em comentários repetidos. Se já foram coletados 100 comentários pela manhã, à noite, encontrando 120, sendo 20 comentários antigos – repetidos e dos mesmos usuários da busca feita na manhã - e 100 novos, logo estes 20 repetidos também foram deletados e assim por diante.

Após definição que a análise dos comentários vai além da análise de diálogos onde informações se reproduzem, centralizando a investigação nos afetos em expansão e nos sentidos do sofrimento do outro, de todo o material, os comentários informativos ou sem clareza, comentários incompreensíveis e ilegíveis, sem cabimento para a análise da expressão dos afetos, foram todos deletados para selecionar os comentários pertinentes aos objetivos desta pesquisa. Inclusive, considerando a evolução da pesquisa toma-se como princípio que todos os comentários já estão dialogando, seja com a fonte da notícia, ou com outro usuário nos comentários: expressando-se para seus seguidores no Twitter, mencionando outro usuário específico (@usuario), ou repassando um tweet de alguém que o usuário segue, em um retweet (RT). Essa reflexão sobre o diálogo será melhor elaborada ao entrar no conceito de linguagem interior na discussão final.

Por questões de ética optou-se nessa pesquisa por deletar os nomes de usuários citados, o que seria desnecessário e também para garantir a privacidade nesta pesquisa para os autores dos comentários. Também foram deletadas nas citações hiperlinks para outras páginas na internet, outro item desnecessário para a análise.

3 Compromisso ético-político com o sofrimento do homem

A crise da Psicologia nas décadas de 60 e 70 pedia por novos questionamentos teóricos e desenvolvimento metodológico em pesquisa, repercutindo também na Psicologia Social. Na América Latina a crise assumiu caráter político, devido às ditaduras militares, o que, aos poucos, direcionava os estudiosos da Psicologia Social a investigar o poder repressivo, as injustiças sociais, a opressão, além da influência do movimento universitário de 68. A partir desta época, no curso de Psicologia da PUCSP, tem início um movimento por um ensino teórico e prático, por uma nova relação aluno-professor, uma universidade voltada para os problemas sociais além da dominação institucionalizada. Quais os subsídios para uma transformação social? Como um conhecimento científico pode ajudar a criar uma nova sociedade? Questionavam os estudiosos da Psicologia Social (LANE, 1995) e assim continuam até hoje, perguntando pela práxis da Psicologia Social, como se pode observar nos temas dos encontros promovidos anualmente pela Associação Brasileira de Psicologia Social⁷, criada em 1979.

Consciência, Identidade social, processo grupal, psicologia comunitária, Pesquisa-ação-participante, esses conceitos e procedimentos metodológicos, embasados no materialismo histórico e dialético, permitiram à Psicologia no Brasil analisar o indivíduo, situado historicamente e multideterminado. Nos congressos latino-americanos Lane (1995) descobriu que as mesmas questões eram levantadas nos países vizinhos, incluindo grandes teóricos até hoje trabalhados na Psicologia Social brasileira como Martin-Baró. A preocupação era conhecer a realidade latino-americana e de cada país e não apenas importar teorias.

7-<abrapso.org.br>

A discussão em torno da crise teórica e metodológica na Psicologia na década de 70 levou a psicologia social brasileira, através da iniciativa de Silvia Lane, a ler psicólogos russos para compreender o fenômeno psicológico como social, como escreveu Vigotski em suas reflexões sobre linguagem, ideologia, significados e sentido e a consciência como fruto do desenvolvimento ontogenético e filogenético do homem. Lane (1995) começa a perguntar sobre aspectos particulares, psicológicos, biológicos (da espécie), históricos e culturais das sociedades dentro do caráter universal. Sobre a práxis da Psicologia Social, Silvia Lane (1995, p. 74) enfatizava a análise do ser humano, ser histórico, social e cultural necessariamente deve ser pensado como particular, sem, no entanto, deixar de se estruturar em categorias universais, influenciada pela ideia do significado afetivo das palavras, como afirmou:

“Se assim for, a Psicologia Social terá um papel teórico-prático importante, levando os seus profissionais a atuar junto a indivíduos e grupos, promovendo o desenvolvimento da consciência social e dos valores morais em direção a uma ética que negue o individualismo e busque valores universais de igualdade e de crescimento qualitativo do ser humano” (LANE, 1995, p. 74)

Entende-se que na compreensão de Lane sobre a obra de Vigotski, a dialética é pressuposto fundamental. Por meio dela, é possível unir o que foi cindido na história da Psicologia: emoção/consciência e subjetividade/objetividade na compreensão do sujeito. Apontando, principalmente, que somente os fatos cotidianos darão respostas às hipóteses tradicionais.

Nesta direção, Sawaia (1995) buscou desenvolver as orientações de Lane. Com uma pesquisa participante no contexto brasileiro se deparou com os limites entre pesquisa, militância e compromisso político e entre consciência e emoção. Em *Artimanhas da Exclusão*, Sawaia (2008) busca recuperar a positividade dos afetos para analisar a dialética exclusão/inclusão, buscando respostas e formas de ação psicossocial no sofrimento gerado pela

exploração e injustiça social, destacando, assim, a dimensão ético-política da desigualdade social.

Sawaia (2008) propõe o sofrimento ético-político como categoria de análise e intervenção para permitir ao psicólogo social trabalhar com emoções e o singular sem abandonar a consciência e o social. O sofrimento ético-político é cotidiano, porque reside nas intersubjetividades delineadas socialmente. Na visão da autora, a exclusão nada mais é do que o descompromisso com o sofrimento do homem, tanto por parte do aparelho estatal quanto da sociedade civil e o próprio indivíduo. Esta ambiguidade é exatamente uma dualidade existente nos processos de exclusão, onde “a sociedade exclui para incluir” isto é, uma condição da ordem social desigual, porém o que se observa é a tentativa de harmonizar ou naturalizar a exclusão - que brota da raiz conflituosa da sociedade. Assim a inclusão adquire caráter ilusório, compreendida então como “inclusão perversa”.

Neste contexto, a opção para investigar a afetividade justifica-se pelo objetivo de compreender a trama das emoções envolvidas no sofrimento resultante da injustiça e da exploração social e cultural para manutenção de uma sociedade fragmentada. O que está em jogo nesta trama dialética é o sentimento de culpa individual. O individualismo é, na atualidade, uma das questões sociais que mais destacam o sofrimento ético-político.

Em Hannah Arendt (2008) as emoções são matéria prima básica da condição humana, na alienação/superstição ou na paixão (de padecer), na liberdade/emancipação ou na ação (de movimento). Conceber a emoção como questão ético-política traz a questão do corpo, do sujeito. Corpo é matéria biológica, emocional e social, tanto que sua morte não é só biológica, falência dos órgãos, mas social e ética. O sofrimento ético-político não é compreendido como um sofrimento reduzido ao indivíduo e sua genética ou sua condição social marginalizada (SAWAIA, 2008).

O conceito de sofrimento ético-político tem suas raízes na filosofia de Espinosa e de Karl Marx. Ambos os pensadores escreveram sobre suicídio.

Espinosa tem proposição clara sobre a relação entre o suicídio, os afetos e os encontros, em sua crítica ao racionalismo concebe o suicídio como um fenômeno relacionado à tirania, pois não é a busca da morte, mas fruto do aprisionamento na servidão, em torno do grau zero de conatus, impotência. Explica Correia de Lira (1996), o suicídio é uma morte coagida, a partir de um movimento de poder que faz deste homem não um autor, mas sim uma vítima de um fator externo. O suicídio não é jamais um ato de vontade na concepção espinosana, mas está relacionado ao “não saber o que querer”, não ter desejo algum, à impotência.

Como relata Marilena Chauí (1995), Bento de Espinosa viveu entre 1632 e 1677 em Amsterdã, Holanda. É época em que os conflitos sociais, econômicos e políticos apareciam sob a forma de conflitos religiosos e teológicos. Dois conflitos eram dominantes: entre os marranos (judeus e árabes conversos suspeitos de manter a fé original) e não-marranos e entre os talmudistas e cabalistas e a questão implícita sobre a imortalidade da alma, as recompensas e castigos em uma outra vida. Os judeus dominantes, racionalistas e materialistas recusavam este espiritualismo farisaico, afirmando que a única Lei sagrada era a Lei escrita, redigida por Moisés. Já os fariseus, intelectuais populares afirmava a Lei oral tão sagrada quanto a Lei escrita. Com a Lei Oral os rabinos criaram o judaísmo, que possui conteúdos espiritualistas, como a crença na imortalidade da alma e na vida futura com recompensa para os bons e castigos para os maus, crença que regulou, assim, a religião, os costumes, as relações sociais e as formulações teóricas da época.

A discussão sobre a imortalidade da alma era, então, uma discussão política. E criticar o valor dos ensinamentos da Lei Oral era questionar o poder dos rabinos na sociedade. Assim a discussão sobre a imortalidade da alma passa a abalar e questionar quando tudo fora ensinado, escrito e dito durante séculos, desde o início da Diáspora. Essa disputa passa a abalar então a autoridade dos rabinos, em uma disputa teológico-política (Chauí, 1995)

Neste contexto, Espinosa, antes de escrever suas obras, acompanhou desde seus oito anos de idade a tirania religiosa no caso do

suicídio de Uriel da Costa, um marrano que estudava direito e filosofia em Portugal, e que abandonando sua crença no cristianismo, fugiu do país para voltar a praticar sua fé no judaísmo, mas sem perder a criticidade. Dessa forma, Uriel, foi submetido ao *herem*⁸ por afirmar que apenas a Lei escrita possui poder sagrado. Em sua visão “Deus não era um super-homem colérico e voluntarioso, mas a força racional e amorosa que cria, governa e harmoniza a Natureza; e que os preceitos divinos não eram senão as leis da Natureza, distorcidos pelos fariseus e rabinos com a Lei Oral (CHAUI, 1995, p. 19)”.

Foi assim condenado à solidão, expulso da comunidade judaica, impedindo-o de manter laços comerciais, relações com a família, em toda a comunidade judaica da Europa e Oriente. A única forma de sobreviver era suspender o *herem* e para isso foi obrigado a retratar-se perante a comunidade. Foi submetido assim, à flagelação e à humilhação pública: seminou, com o corpo coberto de cinzas, deitado à porta da Sinagoga para ser pisoteado por todos. Após tamanha humilhação Uriel cometeu suicídio.

Após o episódio de Uriel, com medo da multidão, os rabinos tirânicos declaram o estudo da filosofia, lógica, física e metafísica como blasfêmia por obscurecer a verdadeira Lei e a autoridade sagrada aos que ensinavam a Lei Oral. Outros acusados de heresia na época como Juan de Prado e Daniel Ribera também são forçados à retratação pública, porém sem o dever de cumprir todo o ritual – os rabinos temiam que se repetissem atos de suicídio como o de Uriel.

Espinosa ficou abatido com o suicídio do amigo. E ao ser também expulso da comunidade judaica procurou combater as supertições entre elas a de que o suicídio é produto de livre arbítrio, colocando, porém que é um ato motivado por forças externas. Na *Ética IV*, proposição 20, sobre a impotência ou a diminuição do conatus, Espinosa explica “Quanto mais cada um busca o que lhe é útil, isto é, quanto mais se esforça por conservar o seu ser, e é capaz disso, tanto mais é dotado de virtude; e, inversamente à medida que cada um

8-punição onde o *enhermado* era expulso do convívio com a comunidade, e essa expulsão atingia suas atividades econômicas, excomunhão.

se descuida do que lhe é útil, isto é, á medida que se descuida de conservar o seu ser, é impotente”. Porém é importante destacar que a diminuição do conatus (da potência de ação), jamais está relacionado a um livre-arbítrio na filosofia, não se trata de um escolha, mas, uma diminuição do conatus por forças externas a ponto de reduzir a potência de vida em torno de um grau zero, tamanha impotência. No escólio da prop. 20, Espinosa afirma a impossibilidade de um esforço humano em direção à não-existência, contrariando a necessidade de sua natureza: “tão impossível quanto fazer que alguma coisa se faça do nada”. (ESPINOSA, 2010, p. 289)

Michel Lowy, buscando compreender o interesse de Marx (2006) no texto de Jacques Peuchet sobre o suicídio, levanta a ideia de que o privado é político, como traz Marx em suas anotações ao longo do texto sobre suicídio, e sobre a natureza desumana da sociedade capitalista, sem reduzir o sofrimento que leva ao suicídio de um homem somente à questões da exploração econômica, mas também às injustiças sociais relacionadas à vida privada de indivíduos das mais diversas origens sociais, inclusive de indivíduos não proletários e envolvendo complexos aspectos opressivos da sociedade burguesa.

“Embora a miséria seja a maior causa do suicídio, encontramos-lo em todas as classes, tanto entre os ricos ociosos como entre os artistas e os políticos. A diversidade das suas causas parece escapar à censura uniforme e insensível dos moralistas. (...) As doenças debilitantes, contra as quais a atual ciência é inócua e insuficiente, as falsas amizades, os amores traídos, os acessos de desânimo, os sofrimentos familiares, as rivalidades sufocantes, o desgosto de uma vida monótona, um entusiasmo frustrado e reprimido são muito seguramente razões de suicídio para pessoas de um meio social mais abastado, e até o próprio amor à vida, essa força enérgica que impulsiona a personalidade, é frequentemente capaz de levar uma pessoa a livrar-se de uma existência detestável.” (Marx, 2006, p. 24)

Margarida Barreto é pesquisadora do NEXIN e investiga o suicídio e o assédio moral no trabalho pela ótica da humilhação (utilizando como

referencial teórico-metodológico Espinosa e Vigotski) e as emoções derivadas da submissão a corporações capitalistas, esta crítica e a ênfase na luta de classes diferencia a evolução de seu trabalho das primeiras reflexões de Lane (1995). Outro autor que aponta o nexo entre suicídio e trabalho como Margarida, é Santos (2009), apesar de não vinculado ao NEXIN ajuda a entender a mesma linha de pensamento. Santos (2009) buscou compreender as transformações econômicas, produtivas, psicossociais e o sofrimento no contexto organizacional e do trabalho, chegando à importância e a necessidade da humanização das relações de trabalho, ao constatar que “o suicídio no trabalho é a própria patologia da solidão”. Se Santos (2009), fala de uma patologia da solidão, Barreto e Venco (2010) mencionam uma “patologia” do medo e condutas de dominação, submissão, a partir de um clima permanente de competição individual e coletiva que os trabalhadores são obrigados a suportar para a manutenção do emprego, frente ao temor do desemprego.

Barreto critica a concepção que reduz o suicídio a uma “fragilidade individual, oriunda de bases genéticas ou hereditárias” (BARRETO e VENCO, 2010), apontando que as situações humilhantes no trabalho levam os sujeitos a padecer da patologia do medo à patologia da solidão, favorecendo o suicídio no contexto do trabalho. Sem o acesso à compreensão do contexto sócio-histórico das transformações no mundo do trabalho e a relação com os atos suicidas no trabalho, os trabalhadores se sentem isolados e solitários mesmo que em coletivo. Santos defende que optar pela morte depende, sobretudo, de uma decisão individual, “preparada no silêncio do coração, da mesma forma que uma grande obra”. (SANTOS, 2009). Assim conclui que é indo além de estatísticas, em busca da compreensão do “sentido da vida” é que se entende o suicídio.

Observa-se na crítica à perversidade capitalista o suicídio ainda apresentado como tragédia, fenômeno humano relacionado ao sentido da vida, não somente compreendido nas condições humilhantes do mundo do trabalho. Ou seja, a morte não é uma escolha no sentido do “livre-arbítrio” do senso

comum, porém uma decisão individual, íntima, determinada por forças externas poderosas.

Em sua dissertação de mestrado desenvolvida no NEXIN, Netto (2007) defende que o suicídio é um ato volitivo, o que não significa ser um ato de liberdade. O ato suicida enquanto ato de liberdade humana está relacionada com os motivos, finalidades e as necessidades dentro das limitações da sociedade. A palavra suicídio só aparece em documentos datados a partir do século XII e tem origem no latim clássico, significa “morte do corpo”. (NETTO, 2012) Entretanto, é importante destacar que para Netto o suicídio é uma escolha e por isso um direito humano, um assunto de saúde pública, e que tem a intenção em sua pesquisa de ir contra a proibição, a criminalização do suicídio associada ao pecado da Igreja Católica. Assim, Netto (2012) visa distinguir o ‘suicídio’ do ‘ato de se matar’. Defende “que o direito ao suicídio deve sim ser entendido como um direito fundamental e que a denúncia feita pelo suicida deve ser reconhecida, em vez de ignorada como costuma ocorrer” (NETTO, 2012, p. 419).

Ao direcionar a reflexão do suicídio como gesto de comunicação, percebe-se, nesta pesquisa, que não é o suicídio um direito humano fundamental, mas, a comunicação.

Se o suicídio é um gesto de comunicação para a sociedade é porque esta comunicação, antes, foi impedida: “Quando lhe foi impossibilitado comunicar-se, cortaram-lhe também sua influência sobre a sociedade, a qual se restabelece através de seu gesto suicida, mesmo que não seja uma pessoa famosa.” Silva (2008, p. 18) levanta em seu estudo sobre o suicídio na trama da comunicação, o sofrimento do cidadão comum, que a história oficial negou, e assim aponta também a necessidade de compreender o significado ideologizado do suicídio reproduzido pela mídia.

Ao afirmar a comunicação como necessidade humana básica, constituinte da identidade humana, Silva (2008) parte do pressuposto de que “o suicídio é um processo em si mesmo que não termina com a morte” e, ainda,

que ao conceber o suicídio como gesto de comunicação, buscou ampliar a compreensão do relacionamento entre o suicidado e a sociedade. O indivíduo se mata para relacionar-se com os outros e não para ficar só ou desaparecer. A morte é o único meio que o sujeito encontrou para restabelecer o elo de comunicação com os outros (Silva, 2008, p. 17).

Os órgãos oficiais e a grande mídia noticiam suicídios de forma espetacular, alguns exploram o ocorrido para manter audiência, mas sempre buscando explicações psicologizantes, reduzindo a compreensão do suicídio à um fenômeno individual, e sempre em tom científico, banalizando o sofrimento humano sem suscitar elementos para reflexões que fomentem o compromisso com o sofrimento do outro como questão ética e política. O subtexto das notícias é ganhar audiência e manter a ordem social.

Em síntese, esta breve apresentação de pesquisas e reflexões sobre suicídio na perspectiva teórica aqui adotada tem o objetivo de mostrar, por meio de seu impacto, em pensadores de diferentes épocas, que é impossível manter-se indiferente: um fenômeno aparentemente de decisão individual, mas ligado à perversidade da vida em sociedade, que vai contra o imperativo de lutar pela vida. Assim, justifica-se a sua escolha como situação de pesquisa. Espera-se na análise do material empírico explicitar os afetos nos comentários sobre suicídio na tentativa de entender esta recepção e como se apresenta o (des)compromisso ético-político com o sofrimento do outro.

4 A potência de (des)humanização na internet

Atualmente, há um intenso debate sobre esta tecnologia de comunicação. Uma corrente representa as ideias muito bem formuladas por Adorno e Horkheimer (1985) sobre o desenvolvimento assombroso da indústria das culturas de massa, nos anos 1950. Segundo eles as diferentes mídias, como o cinema, o rádio, revistas, fazem parte de um único sistema, caracterizados pelo descarte e o progresso técnico, todos sob o poder do capital, sob o monopólio que torna um aparelho democrático como o rádio em autoritário, com a passividade dos ouvintes. Eles apontam a relação entre a técnica e seu desenvolvimento e a classe dominante, dos poderosos executivos e diretores gerais, relacionadas aos setores técnicos como a indústria elétrica - para o rádio, e os bancos - para o cinema. Nessa perspectiva, a internet é apontada como uma utilidade para a classificação, organização e computação estatísticas dos consumidores, pesquisas de mercado, propaganda, o que se pode inferir do clássico texto *A indústria cultural*, que demonstra o poder desta atividade econômica de reduzir os consumidores a material estatístico:

“Para o consumidor, não há nada mais a classificar que não tenha sido antecipado no esquematismo da produção (...) canções de sucesso, os astros, as novelas, resurgem ciclicamente como invariantes fixos, mas, o conteúdo específico do espetáculo é ele próprio derivado deles e só varia na aparência (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p. 17)”.

Para Adorno e Horkheimer (1985) a única novidade da cultura de massas é a “exclusão do novo”. Cultura, arte e distração, se reduzem à totalidade da indústria cultural, que possui como característica básica a repetição, onde inovações não passam de aperfeiçoamentos da produção em massa dentro de um mesmo sistema. Em função desta massificação, dentro da

interpretação destes autores, a incessante busca pela técnica e não pelo conteúdo, continua aprisionando o espectador na repetição. O entretenimento em detrimento da cultura. A busca pela diversão, o instantâneo e não o espontâneo. Para os autores a indústria cultural nada mais é que a indústria da diversão, e é através do entretenimento que os consumidores são seduzidos ou controlados. Ao mesmo tempo que surge, então, o culto ao consumo banal, há uma hostilidade crescente à tudo que não seja diversão.

Cabe aqui comentar, em parêntesis, o lançamento do seriado de comédia americano *Two and a Half man*, em 2011, estrelando o novo ator da série e personagem principal. No primeiro e esperado episódio da série, este personagem entra em cena após uma tentativa de suicídio. Após o término de um namoro, o personagem interpretado pelo ator Ashton Kutcher decide suicidar-se. Para isso, atualiza seus status em seu perfil do Facebook, dizendo que vai se matar. Ao se jogar no mar, é resgatado por estes personagens que o acolhem em sua casa, e que perguntam, preocupados, se avisou a seus amigos e familiares que já está seguro e vivo. Então, o personagem que tentou suicídio diz que já atualizou seus status no Facebook avisando os amigos de sua lista que mudou de ideia quanto ao suicídio. Cena divertida e hostil ao mesmo tempo, pela ironia a comunicação no Facebook e a banalização ao sofrimento de uma tentativa de suicídio reduzida a uma tentativa de chamar a atenção. Parecendo que no Facebook não há catarse, ou liberação, mas informação vazia de qualquer reflexão: “Divertir significa sempre: não ter que pensar nisso, esquecer o sofrimento, até mesmo onde ele é mostrado – a impotência é sua própria base (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 135)”.

Ainda na mesma linha, Debord (1997) aponta a instrumentalização dos meios de comunicação em massa e introduz sua reflexão sobre o espetáculo citando Feuerbach: “E sem dúvida, o nosso tempo... prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser...”. Para Debord (1997) a vida na sociedade moderna se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos, onde as modernas condições de produção, tudo que era vivido diretamente tornou-se representação. O

espetáculo como forma técnica e sua manifestação nos meios de comunicação em massa, que não são a instrumentação da sociedade, mas o automovimento total da sociedade: o espetáculo não é o produto necessário do desenvolvimento técnico, visto como desenvolvimento natural. Ao contrário, a sociedade do espetáculo é a forma que escolhe seu próprio conteúdo técnico. Se o espetáculo, tomado sob o aspecto restrito dos “meios de comunicação de massa”, que são sua manifestação superficial mais esmagadora, dá a impressão de invadir a sociedade como simples instrumentação, tal instrumentação nada tem de neutra: ela convém ao automovimento total da sociedade.

Esses pensadores escreveram suas análises antes do fenômeno da internet, mas suas reflexões apontam questões importantes na análise deste instrumento de comunicação.

“Se as necessidades sociais da época na qual se desenvolvem essas técnicas só podem exercer por intermédio dessa força de comunicação instantânea, é porque essa “comunicação” é essencialmente unilateral; sua concentração equivale a acumular nas mãos da administração do sistema os meios que lhe permitem prosseguir nessa precisa administração.”
(Debord, 1997, p. 21)

Será que podemos, como demonstrou Adorno (1985), analisar que por meio da diversão/hostilização, atualmente, os consumidores são seduzidos e controlados a pertencer a esta ou aquela rede social, conforme demonstra com muito humor o site de Jacaré Banguela⁹ na figura 1. Nele a rede social Orkut aparece como ultrapassada e a necessidade de mudar para a rede social mais popular do momento, Facebook, indicando ainda, outras redes sociais como o Twitter e o Youtube, através de perfil pejorativo de seus usuários.

9-<www.jacarebanguela.com.br>

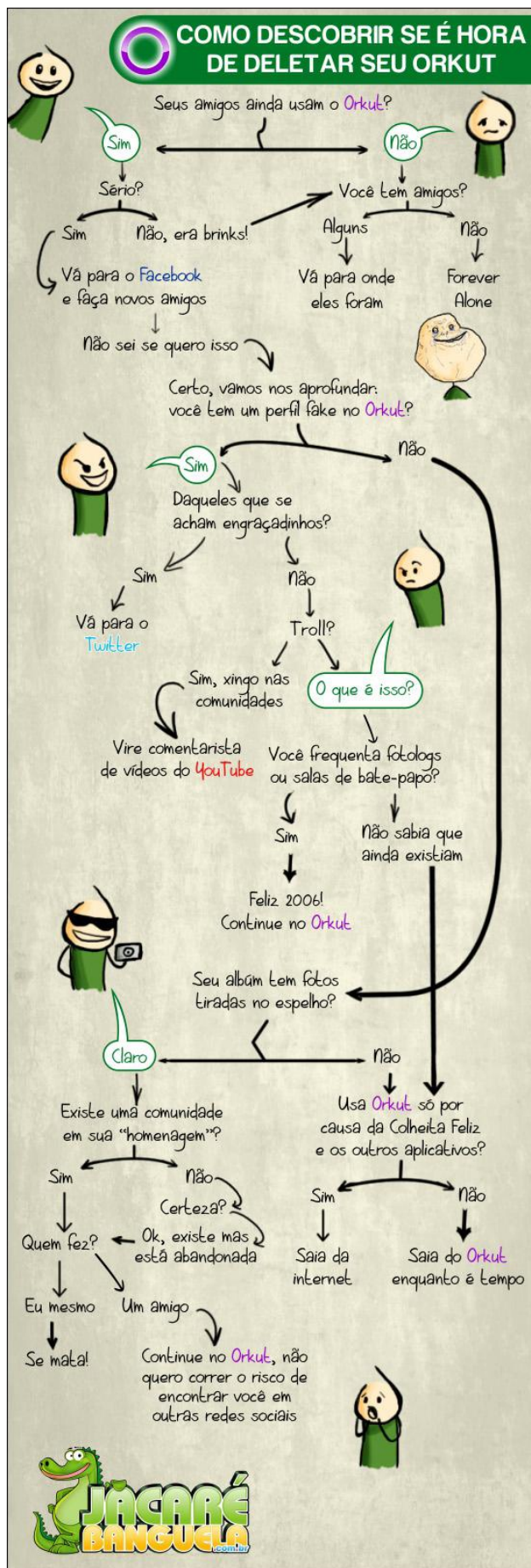


Figura 1. “Como descobrir se é hora de deletar seu Orkut?”

Após pesquisar o suicídio como gesto de comunicação, Marcimedes Silva (2008), em sua tese sobre internet, realizada em 1999 na Psicologia Social da PUCSP, defende a internet como expressão da indústria cultural onde a busca dos usuários pelo glamour evidencia o espetáculo e a padronização na comunicação pela internet. Silva (2008) também apontou, na época, a questão do monopólio das grandes empresas que detém o poder na padronização das máquinas e aplicativos e com isso determinam os protocolos da comunicação. Essas normatizações podem dificultar os processos criativos na comunicação pela internet já que a maioria dos usuários usufrui dos serviços oferecidos pelas grandes empresas (hoje temos as multinacionais americanas Google, Facebook, Twitter) sem conhecer linguagens de programação mais complexas para que possam criar suas próprias redes. Nesta direção Silva (2008) critica a “mesmice” na internet, onde:

“o que era criativo, estandardizou-se, vulgarizando-se e passou a fomentar o glamour (...) e a favorecer o excesso de espetáculos na internet. Com certa frequência, o espetáculo é a imagem do indivíduo fotografado, mostrado nas páginas pessoais, onde o “*E agora vamos apresentar...*” pode ser promovido” (SILVA, 2008, p. 55)

Porém Silva (2008) conclui, criticamente, que certamente Adorno destacaria o papel da rede não somente à deformação, mas também à formação individual, deixando a ideia de que a técnica da internet possibilita ir além da ideia ingênua de coletivo como massa quando o pensador enfatiza a tecnologia em sua obra, ressaltando o duplo significado da formação cultural.

Da mesma forma que as tecnologias midiáticas podem ser pensadas na atualidade como ameaça à liberdade de expressão, há autores que destacam o seu poder de emancipação humana, ao afirmar que as tecnologias da internet representam um grande potencial de abertura de horizontes, característica necessária para expansão da vida, da atividade, da autonomia. A

internet é definida no dicionário Houaiss como “rede de computadores dispersos por todo o planeta que trocam dados e mensagens utilizando um protocolo comum, unindo usuários particulares, entidades de pesquisa, órgãos culturais, institutos militares, bibliotecas e empresas de toda envergadura”. Internet é também possibilidade de construção de redes de contatos, informações, conectividades que podem construir espaços de expressão pública.

Durante o período de realização deste trabalho, o potencial de mobilização e de ação política da internet foi constatado em notícias de movimentos, manifestos e multidões, que tomaram as ruas, praças, pontes, etc. nas cidades ao redor do mundo, muitas vezes agendados, organizados e publicados pelos próprios integrantes dos movimentos, e mais recentemente, a impressionante mobilização nacional. Se as ferramentas da internet trouxeram a inédita possibilidade de afetar milhões de pessoas em todas as partes do mundo dentro de instantes, graças à facilidade de acesso e compartilhamento de conteúdos digitalizados, esse potencial foi demonstrado em larga escala no Brasil nos meses de conclusão desta dissertação, com as reações que não se encerraram na comunicação pela internet, mas que através dela se expandiram e tomaram as ruas. Esses encontros caracterizaram a “Primavera Brasileira”¹⁰, assim denominados devido a aparente semelhança com as reivindicações políticas na “Primavera Árabe” que tiveram início em 2010, conhecida também como “Revolução do Facebook”.

Tudo isso evidencia o componente afetivo dessas trocas de informações. Os afetos que despertam as pessoas, as trocas afetivas na internet, reforçando a opinião de que a Psicologia Social precisa unir esforços para continuar a compreender a realidade brasileira aprofundando os estudos

10- Segundo o jornalista e blogueiro Leonardo Sakamoto, “Uma massa de jovens descontentes que não sabem o que querem, mas sabem o que não querem. Neste momento, por mais agressivos que sejam, boa parte deles está em êxtase, alucinada com a rua e com o poder que acreditam ter nas mãos. Mas ao mesmo tempo com medo. Pois cobrados de uma resposta sobre sua insatisfação, no fundo, no fundo, conseguem perceber apenas um grande vazio.[...] Uma vez, posto em marcha, um movimento horizontal, sem lideranças claras, tem suas delícias – como o fato de ser um rio difícil de controlar. E sua dores – como o fato de ser um rio difícil de controlar. Temos que aprender a não se assustar com isso.” <<http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2013/06/21/e-em-sao-paulo-o-facebook-e-o-twitter-foram-as-ruas-literalmente/>>

sobre as tecnologias midiáticas e globais na forma que afetam e reproduzem novos afetos, ideias e reflexões, novos sentidos sobre a política e a ética entre as pessoas.

Essa força da internet tem preocupado governantes, gerando formas de controle, manipulação e monitoramento na tentativa de conter seu potencial. Destacam-se o uso militar para controle político e segurança pública na internet, além da criação de legislações para controlar e criminalizar o compartilhamento e cópia de arquivos digitais por indústrias de copyright (direitos de patente), dificultando, inclusive, o acesso a publicações de arquivos e acervo acadêmico e científico ao redor do mundo.

Segundo Sergio Amadeu (2012) para a violação da privacidade transformar-se em regra, lideranças conservadoras apelam para o combate à pedofilia e ao terrorismo na internet, forjando a tentativa de garantir controle estatal de conteúdos massivamente comunicados e a manutenção dos sistemas de propriedade intelectual. Os direitos de patente e a convergência midiática são o foco de ataque de empresas fonográficas e cinematográficas que procuram hoje disseminar a suposições distorcidas de que o download ou a cópia de um arquivo digital sem pagamento de licença de copyright (direito de patente) é ato criminoso, comparado a um furto. Sobre as leis que a indústria do copyright espera aprovação, em cada país, objetivam a identificação plena de todos os internautas. Outra exigência é o poder de acessar conteúdos compartilhados nas redes sem qualquer ordem judicial.

Manuel Castells (2003) afirmou que a rede é reconfigurada por seus usuários, isto significa que não existem centros obrigatórios para o trânsito dos fluxos de informação. Além disso, a rede tem sido reconfigurada constantemente por seus usuários (CASTELLS, 2003, p. 28), devido a uma construção tecnológica aberta. Internet é uma rede de redes. São camadas interligadas independentes uma das outras. Fisicamente, existem inúmeros protocolos de comunicação para que os bits sejam transformados em sinais elétricos, enviados pelas redes físicas que são controladas pelas operadoras de telecomunicações (AMADEU, 2010).

Raquel Recuero¹¹ reconhece a possibilidade da organização dos sujeitos através da cultura da internet, como escreveu Manuel Castells sobre o movimento da Primavera Árabe no Twitter, em 2011, em larga escala de milhares de indivíduos para protestar. Recuero credita às redes sociais e suas novas apropriações como os maiores motivos facilitadores da circulação das informações, onde conversações nascem, espalham-se e reproduzem-se nas redes sociais, o que permite o acontecimento destes fenômenos. Para a autora essas mobilizações não ganhariam notoriedade nos espaços off-line, não fossem as conexões a permitir que as pessoas estejam muito mais conectadas através de redes sociais como Orkut, Facebook e Twitter.

Se a princípio, a internet é uma rede de redes baseada em protocolos de comunicação, aderir à rede é simplesmente aceitar seus protocolos – Amadeu (2010) concorda ao citar Piérre Lévy, já que a criatividade é tão intensa na internet que para criar aplicativos, conteúdos, novos formatos, tecnologias, não é necessário autorização de órgãos públicos ou de empresas privadas, de qualquer controlador de outras camadas (garantindo o dinamismo na rede). Inclusive novos protocolos de comunicação podem ser criados, interagindo com outros.

Piérre Lévy, autor de *Cibercultura* (1999) e *Ciberdemocracia* (2003), escreve junto com André Lemos, sobre o futuro da internet, visualizado esta tecnologia como uma ciberdemocracia planetária, que tem como efeito o crescimento da inteligência coletiva (Lemos & Lévy, 2010). Os autores apontam comunidades engenhosas e cidades digitais, projetos já aplicados ao redor do globo para defender a ideia da “ciberdemocracia”, onde o território, a comunidade e as relações interpessoais estão presentes no diálogo no ciberespaço. Esta reflexão é contextualizada com a teoria da inteligência coletiva, que cresce, conforme Lemos e Lévy (2010) na medida em que avançam os processos comunicacionais da humanidade.

11-texto de 2011 no blog da pesquisadora. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/ciseco.pdf>

Se o fator principal da criação da riqueza é a inteligência coletiva da população, ao ser reforçada através das tecnologias de informações, esta riqueza multiplica-se e transforma-se. Se na sociedade industrial a inteligência era mecânica e a informação, produto exterior, na perspectiva dos autores esta coletividade é vista agora como subjetiva e composta pelas pessoas que cultivam e aperfeiçoam esta inteligência coletiva ou intersubjetiva. Assim, Lemos & Lévy (2010) defendem a inteligência coletiva como um processo de aprendizagem, ou melhor, de evolução, onde as comunidades, dirigidas a uma liberdade mais afirmada ao valorizar tanto o crescimento da potencia individual quanto a potencia coletiva de seus membros. Se a inteligência mecânica, outrora responsável pela produção e geração de informação, agora a informação só pode ser compreendida em fluxos de acontecimentos, através da conectividade de subjetividades, compondo, assim, uma inteligência coletiva. Para posicionarem-se sobre a questão dos fluxos de informações, Lemos e Lévy (2010), exemplificam diferenciando as antigas estradas, que transportam corpos e informações, das denominadas “autopistas da informação” que apenas transportam informação. Então os autores levantam questões históricas para um paralelo, defendendo que a democracia, na atualidade só é possível a partir das novas tecnologias da cibercultura. Para estes entusiastas, as mensagens, antes da invenção do telégrafo e do telefone, sempre circulavam sobre os mesmos canais que as pessoas. Depois, e cada vez mais rápido, a *comunicação das informações* vai se desacoplando da circulação das *coisas*. Assim, a comunicação no ciberespaço é vista como uma esfera unificada de comunicação e linguagem, fluxos¹² que dispensam questões materiais, temporais, espaciais e inclusive corporais, físicas, com o desenvolvimento da cultura ciber.

Percebe-se aqui que a noção de territorialidade é substituída por informações digitais ou imateriais, ignorando a questão do corpo, ou reduzindo, talvez a uma compreensão do corpo como máquina, transmissor de informações. Isso porque, Lemos e Lévy (2010) percebem o ciberespaço como

12-a ideia de fluxos está presente também nos escritos recentes do geógrafo marxista David Harvey, em como este concebe a questão do imaterial no capitalismo.

um novo centro de acumulação de informação, que se encontra de agora em diante, em todos os lugares na rede não necessariamente centralizando-se nos centros físicos das cidades, porque prolongam e intensificam a função de interconexão do urbano. Assim, Lemos & Lévy apontam a relevância das mídias na reconfiguração dos espaços urbanos onde mobilidade e cidade se entrelaçam.

As cidades, com nova dinâmica sociopolítica na cultura da ciberdemocracia, reconfiguram-se com as novas práticas sociais na emergência dos novos formatos comunicacionais nas tecnologias dos celulares 3G, redes wi-fi, bluetooth, novas configurações das cidades “desplugadas”. Por isso a afirmação que “o ciberespaço prolonga e supera a cidade, criando uma nova dimensão do urbano.” (LEMOS & LÉVY, p. 122). Em uma cidade é necessário o constante relacionamento territorial dos internautas para construir uma comunidade virtual local, destacando que, quanto mais criatividade e fecundidade os fluxos de informações proporcionam maior a prosperidade e qualidade de vida territorial e potência coletiva.

Para os autores, ao contrário do poder, é a potência que cria. Pois se o poder obscurece através do medo, o brilhantismo, limitando a capacidade criadora da potência, assim, muitas pretenciosas lutas contra o poder são, na realidade, manifestações dele mesmo: do ressentimento contra a autoridade de alguns ou da potência criadora de outros. Assim, uma saída é buscar uma “lei mundial”, onde, ao limitar todos os poderes particulares, inclusive do governo, são produzidas condições de uma potência coletiva (LEMOS e LÉVY, 2010).

Esses são representantes dos grandes entusiastas da cibercultura.

No plano intersubjetivo cabe indagar como se dá a afetação singular mediada pela técnica que impõe normas, estigmas, estrutura semântica, que substitui o face a face, e o corpo na comunicação pela representação, na comunicação instantânea, concordando com Chauí (1995), inspirada em Espinosa que a relação originária da alma com o corpo e de ambos com o mundo é a relação afetiva.

A Psicologia no Brasil abriu espaço para a discussão sobre mídia dentro das competências da profissão através do evento realizado no Rio de Janeiro em 2007 pelo Conselho Federal de Psicologia. “Mídia e Psicologia: produção de subjetividade e coletividade (2009)”, O evento gerou um livro com o relato das apresentações do evento que inclusive teve mais de uma edição, o que demonstra o interesse no tema pela classe profissional, apesar de que os eventos sobre tecnologias midiáticas não tiveram continuidade, contrariando a proposta apresentada no evento. Este livro apresenta discussões sobre a dualidade da técnica, o capitalismo e as tecnologias do espetáculo, apontando uma mídia massificada e determinista, revelando poucas preocupações com a relevância do sujeito como potência e as possibilidades de ação social transformadora.

No entanto, uma psicóloga presente nesta conferência “Mídia e Psicologia”, que há muitos anos pesquisa a internet, foi Nicolaci-da-Costa (2002), que compara as mudanças da Revolução industrial com a atualidade, defendendo a ideia de uma Revolução da internet, e insiste na importância que a Psicologia fique atenta a esta revolução para novas possibilidades de intervenção, a transformação na subjetividade e o papel dos profissionais na Psicologia para estudar, descrever, interpretar estas transformações subjetivas no homem contemporâneo para compreendê-lo com novas propostas de intervenção:

“Há ainda um certo ceticismo em relação ao potencial transformador das novas tecnologias digitais e, principalmente, da internet. Muitos veem os novos desenvolvimentos tecnológicos como semelhantes a tantos outros que presenciamos ao longo do século XX. Não creem, portanto, que as novas tecnologias venham a ter consequências mais radicais do que aquelas que já fazem parte do nosso dia-a-dia (Nicolaci-da-Costa, 2002, p. 200)”

Nicolaci-da-Costa (2002) compreende essas transformações humanas internas como radicais. E que a exposição a essas novas tecnologias transforma profundamente a organização psíquica do homem. Para a

pesquisadora, uma importante diferença da internet entre as outras tecnologias reside no fato de que a internet possibilita “criar um espaço de vida no qual se desenrolam as mais variadas interações e dramas humanos. (Nicolaci-da-Costa, 2002, p. 200)”.

Com relação às emoções, nos Estados Unidos, a psicóloga Sherry Turkle (2011), pesquisadora vinculada ao Massachusetts Institute of Technology (MIT) desde o final da década de 70, estuda a interação humana junto à tecnologia, acompanhando os cientistas pioneiros e entusiastas da “inteligência artificial” – segundo a autora, uma definição paralela a “emoções artificiais” – ou, a arte de conseguir fazer com que as máquinas expressem coisas que seriam consideradas sentimentos se expressos por seres humanos (2011, p. 63), como robôs programados para ter vontade própria.

Seu trabalho é aqui apresentado em destaque, pois seu interesse em investigar as afetações entre o homem e a tecnologia é de extrema importância para analisar expressão dos afetos na internet. Suas reflexões reforçam a importância de se analisar as diferentes qualidades afetivas das conectividades.

Atualmente, Turkle (2011) explicita sua preocupação com a tecnologia, que transformou-se em um sintoma para o homem contemporâneo a partir do momento que o que está por trás da tecnologia é a exploração de nossas decepções e vulnerabilidades. Nesta concepção, o problema não está nas invenções tecnológicas, mas na crença de que estas resolverão tudo!

Com pesquisas etnográficas em departamentos de Ciências da Computação, laboratórios de computação em colégios de Ensino Médio, os sujeitos de suas pesquisas foram cientistas e usuários de computadores em casa e crianças. Investiga principalmente o discurso e observa o comportamento desses usuários junto com suas novas máquinas “pensantes”. Turkle, acompanhando a interação humana com estas invenções, constatou mudanças no pensamento humano, na memória e nos processos de

aprendizagem a partir do uso destas máquinas em seus estudos entre o final dos anos 70 e o começo dos anos 80.

Já nos anos 90, além da evolução no estudo da robótica, o acesso à rede mundial de computadores, programas como *Internet Explorer*, *Google*, etc. apontam em suas pesquisas a sensação de *a rede estar com a gente, na gente, o tempo todo, logo, a ideia de que estamos conectados a todos o tempo todo*. [grifo meu] O resultado dessa investigação é relatada neste último livro publicado nos Estados Unidos em 2011, intitulado *Alone Together: why do we expect more from technology and less from each other?*

Suas pesquisas apresentam a interação dos humanos com estas máquinas/robôs como uma atividade compensatória de necessidades físicas e emocionais. Verificou isto acompanhando pesquisas científicas que introduzem estes robôs para cuidados com pessoas solitárias e carentes, como idosos em asilos e crianças em creches. Neste momento Turkle (2011) questiona a substituição da presença e da companhia humana por robôs com inteligência emocional: “If we assign machine companionship to Alzheimer’s patients, who is next on the list?” (TURKLE, 2011, p. 108) .

Ou seja, se estas máquinas estão sendo “prescritas” por profissionais e cientistas àqueles que mais precisam do contato humano devido às trágicas condições de saúde e existência que os limitam à uma vida muito solitária (deficientes e doentes mentais, pacientes com Alzheimer, entre outros) onde é que vamos chegar assim, enquanto humanidade? Na medida em que a tecnologia nos oferece conexões substitutas à interação face-a-face e oferta robôs e relações humanas mediadas por máquinas como nas mensagens instantâneas, email, mensagens de texto e redes sociais; a tecnologia também coloca os limites entre intimidade e solidão. Esta é uma questão central na tese de Turkle (2011), quando exemplifica com os adolescentes que evitam ligações telefônicas com medo de que irão revelar muito de si, e por isso preferem escrever a falar. Outra questão aparece quando a pesquisadora explica que as pessoas sentem a necessidade de estarem conectados a todo tempo, e ao mesmo tempo, sentem-se conectados a toda vida social em um momento, em

outro não entendem porque estamos tão isolados a ponto de confiar em estranhos em conversações pela internet. Turkle acredita que estamos presenciando o nascimento de uma cultura de conexões, e de solidão. Com a ilusão de que máquinas e robôs “resolverão” nossos medos de se envolver em uma arriscada intimidade.

A ideia de máquinas afetivas que cuidem de nós, robôs que desenvolvam emoções, tem sido um ponto forte na discussão de cientistas da neurologia e da robótica. A vida humana e o corpo humano, no entanto, são as características que nenhuma máquina pode ter. E, portanto, muito menos o desenvolvimento das emoções, das fantasias, desejos e medos, enfatiza Turkle (2011). Por isso, em sua visão de psicóloga clínica enquanto pesquisadora da tecnologia, a autora aponta a tecnologia como um sintoma do homem contemporâneo. A tecnologia e as conexões são um sintoma, porque nos desconectam de nossas verdadeiras lutas afetivas:

“If online life is harsh and judgmental, the robot will always be on our side. The logical symptoms, it obscures a problem by solving it without addressing it. The robot will provide companionship and mask our fears of too-risky intimacies. As dream, robots reveal our wish for relationship we can control. A symptom carries knowledge that a person fears would be too much to bear. To do its job, a symptom disguises this knowledge so it doesn't have to be faced day to day. So it is “easier” to feel constantly hungry than to acknowledge that your mother did not nurture you. It is “easier” to be enraged by a long supermarket line than to deal with the feeling that your spouse is not giving you the attention you crave. When technology is a symptom, it disconnects us from our real struggles. In treatment, symptoms disappear because they become irrelevant. Patients become more interested in looking at what symptoms hide- the ordinary thoughts and experiences of which they are the strangulated expression. So when we look at technology as a symptom and a dream we shift our attention away from technology and onto ourselves.” (TURKLE, 2011, p.283)

A partir de sua trajetória a autora critica duas tendências sobre a internet: 1) A promessa atual de que através da tecnologia de robôs, máquinas inteligentes e da internet, podemos controlar nossos afetos nos relacionamentos humanos. 2) A promessa de que, no futuro, graças à estas máquinas sociáveis, teremos total controle dos afetos em nossas relações, mesmo que não exista mais o humano em nossas relações.

Por isso, Turkle (2011) esclarece sobre este sintoma, que se há algum vício humano nesta história, não é um vício à tecnologia, mas aos hábitos da mente que a tecnologia permite a prática. Neste sentido, em resposta aos entusiastas da tecnologia para as mudanças sociais e individuais, para consumo e facilidade na vida cotidiana, Turkle faz a pergunta que resume sua obra: “What are we missing in our lives together that leads us to prefer lives alone together?” (TURKLE, 2011, p. 285). Concluindo que toda nova tecnologia nos desafia, geração após geração, a questionar sua validade para a prática humana. Para a psicóloga, as inúmeras conexões que criamos na internet nos oferecem mais daquilo que pensamos que queremos do que aquilo que realmente queremos. Hoje, encontrar um novo equilíbrio é mais uma questão de ir mais devagar, porém, onde encontrar espaço para reflexão? Sobre o aspecto relacional do desenvolvimento social e tecnológico: assim como já é possível ver o preço que estamos pagando por estes exageros na conectividade das tecnologias em rede em nossas vidas pessoais, já é possível a tomada de novas atitudes para mudança.

Assim a pesquisadora americana propõe trocar as conexões a todo momento, em qualquer lugar, com qualquer um, por qualquer motivo, por uma valorização das experiências enriquecedoras de nossas vidas que acontecem nas relações do cotidiano, em uma aula, no lazer e até mesmo em um funeral – afinal entre os resultados de suas pesquisas Turkle (2011) aponta a naturalidade com que as pessoas se desconectam do sofrimento de estar presente em um funeral, simplesmente se conectando às redes disponíveis em um celular com internet, naquele momento do funeral. Online, inquietos,

embora sem ter nada em mente - E o que queremos da tecnologia em nossas vidas? A autora ressalta a importância de pensar uma “solidão saudável”.¹³

Turkle (2011) e Nicolaci (2002) destacam a preocupação com o afeto e subjetividade, tema de interesse nesta pesquisa, sendo que a primeira mostra preocupação com o bloqueio das emoções, paralelamente a sua substituição por robôs com inteligência emocional, construídos com o objetivo de suprir com a tecnologia as necessidades da vida afetiva humana no plano social, histórico e cultural.

As reflexões neste capítulo apontam que a internet modifica relações e comunicações, que apresentam riscos e oportunidade da autonomia. Com base nas propostas teóricas e metodológicas de Vigotski e Espinosa é possível afirmar que ampliar a comunicação é uma necessidade humana fundamental para promover bons encontros que aumentam a potência de ação individual e coletiva.

13-termo que traduzi do inglês: “solitude”

5 Afeto e técnica

O grande desafio deste trabalho é conhecer como são expressas as emoções *na internet*. As marcas, os rastros das afecções deixados nos registros escritos pelos usuários na internet que através deles expressam suas emoções sobre as duas diferentes tragédias pessoais. Parte-se da filosofia monista de Espinosa, que em sua obra *Ética* (2010) afirma que há uma única e só substância, Deus, pressuposto de sua filosofia monista que critica a tradição filosófica que cinde o homem em mente/corpo, razão/emoção, onde a vontade da mente tudo pode arquitetar. Os afetos são modificações do corpo e da mente, na direção do aumento ou diminuição da autonomia. Dessa forma, ele destaca a dimensão ética e política dos afetos. Essas ideias fundamentais que explicam o afeto como base de toda ação humana e constituição primária da política pensada dentro da ética.

Espinosa, filósofo racionalista do século XVII afirmou que a razão não está separada da emoção. A razão é a compreensão adequada das paixões, ilusões, afetos que fazem o corpo padecer, que tornam os homens servos de superstições e instituições, e que os fazem permanecer alienados de seus verdadeiros desejos e apetites. Espinosa escreveu, no século XVII, que não se deve temer ou combater as emoções, mas entendê-las, na crítica a duas tradições seculares na filosofia: a da transcendência teológico-religiosa ameaçadora, fundada na ideia de culpa originária e na imagem de um Deus juiz. E outra tradição, da normatividade moral, da virtuosidade moral, de submissão a fins e valores externos, relacionados ao poder dominante. Nessas concepções, o corpo é o responsável por nossos pecados por conter as paixões, os vícios da alma. As paixões, consideradas vícios de um corpo vicioso, pecaminoso, que escolhe o mal, e por isso contraria a vontade de Deus, na tradição teológica, ou as leis da Natureza, na tradição normativa/moral. Dessa forma, Espinosa dirige sua crítica à tradição de sua

época onde são tidos como divinos aqueles que desconsideram os afetos definindo-os como a própria impotência da mente ou até mesmo aqueles que lamentam, ridicularizam e desprezam os humanos pela ótica dos seus afetos (CHAUI, 2011).

Por isso, Espinosa na obra *Ética* critica as ideias sobre a dualidade mente/corpo, o livre arbítrio e a condenação dos afetos. Contra esses pressupostos, constrói uma teoria dos afetos a partir de uma essência comum a todas as coisas: o conatus (a potência de ação para perseverar na própria existência). Espinosa (2010) explicou que afetos são passagens, variação de nossa capacidade para existir e agir. Para o filósofo, afeto pode ser ação, afecção, movimento porque está associado ao conceito de causa adequada. Em EIII (Livro III da *Ética*), definição 3, Espinosa escreve sobre atividade ou ação: somos ativos, ou agimos quando, em nós, ou fora de nós, sucede algo de que pode ser compreendido clara e distintamente por nós ou fora de nós; Somos a causa adequada; quando de nossa natureza segue algo. Ao contrário disso somos passivos, padecemos quando, em nós, sucede algo, ou quando algo de nossa natureza se segue algo que não somos causa senão somente parcial. (EIII, def. 1). Causa adequada é a causa cujo efeito pode ser percebido clara e distintamente na própria causa. Já a causa inadequada, ou parcial, origem da paixão (EIII, def. 2), é a causa que não pode ser compreendida somente por ela. A afecção implica um aumento de potência de vida (expansão do conatus), e por isso é uma ação, caso contrário, quando causa parcial e inadequada, é paixão. (EIII, def. 3)

Afeto é ação, atividade, aumento de autonomia quando somos causa adequada, quando o efeito de nossa causa pode ser percebido clara e distintamente na própria causa. Isso implica o aumento da potência de agir pelas afecções do corpo, movimentando e modificando as ideias do corpo (ESPINOSA, 2010). Sobre o corpo em Espinosa, não existe dualidade, o homem é concebido em sua filosofia monista como apetite corporal e desejo psíquico – e por isso as afecções do corpo são afetos da alma. O desejo

realizado aumenta a força para existir e pensar. (CHAUI, 1995). Quando não somos causa adequada, permanecemos na paixão, na ilusão.

A passividade, a paixão é própria do homem e o homem conhece o mundo pelas imagens das afecções do corpo. A mente é a ideia imaginativa do mundo. Estas reflexões permitem entender melhor, por exemplo, a passividade de todos nos frente a mercadoria, o que no cotidiano se apresenta no consumo quando é ilusoriamente sentido como necessidade natural do apetite e do desejo, um objeto que limita a potência de ação. O homem, perdido na paixão pela mercadoria enreda-se na servidão, na passividade humana. Seja por medo ou deslumbramento, deixando-se tomar o poder por julgar-se inferior aos detentores do poder econômico ou o desejo de cada um de governar e não ser governado. Na existência em sociedade recebem-se as afetações que provocam a variação de nossa capacidade para existir e agir.

O conatus coletivo na filosofia espinosana é o Comum: o bem comum a todos, ou seja, o conatus coletivo traz a ideia de um corpo político que represente a todos. Quando os homens, em estado de Natureza, descobrem as vantagens de unir forças para aumentar a potência coletiva, organizam-se em sociedade para se fortalecerem na vida em comum, onde cada um e todos se conservam, aumentando o direito natural, que dessa forma se transforma no direito civil e no Estado democrático. O direito natural não é senão o conatus individual. Quando enfraquecido pelas relações tirânicas que promovem medo, ódio, inveja (paixões naturais do homem), o isolamento (ou individualismo) torna-se regra de sobrevivência. Isso porque a tirania acontece com o enfraquecimento do conatus coletivo. Espinosa coloca que a política tem como base o direito natural que é o desejo de cada um de governar e não ser governado. Está na democracia, em sua crítica, a possibilidade onde todos podem ser autores das leis e participarem diretamente ou por representantes, quando, ao obedecerem as leis cada um obedece a si mesmo, pois todos são os autores da legislação. (CHAUI, 1995).

Em sua época, como explica Chauí (1995), Espinosa procurava entender a servidão humana, em todas as suas formas, ilusoriamente

imaginada como liberdade. Isto constitui na ética espinosana a alienação humana, quando o homem é servo de causas e imagens exteriores, que atribui causas inadequadas a nossos apetites e desejos – é a superstição que se apresenta na forma do medo e da também ilusória esperança. Diferente da alegria que é o sentimento que temos de que nossa capacidade de existir aumenta.

Por isso o filósofo buscou entender também as causas reais e os efeitos reais da servidão como ilusão de liberdade, localizando em sua época os lugares onde se alojavam as causas da servidão e por isso chegou ao estudo das emoções em sua complexidade da paixão à ação, ao indagar o que poderia ser feito para governar as paixões de maneira a desfazer a superstição religiosa e a tirania teológica. Os efeitos da servidão são visíveis nas diferentes esferas da sociedade. Na política: as guerras civis e as lutas entre facções. No plano intersubjetivo: a rivalidade, no plano individual: o ciúme, a autodestruição, o suicídio. (CHAUI, 2011)

Em síntese, essas reflexões demonstram a atualidade das reflexões de Espinosa para analisar os afetos na internet. Chauí (1995, p. 84) sugere que a obra de Espinosa permite a compreensão na contemporaneidade da vinculação das tecnologias midiáticas à servidão dos homens:

“É verdade que a superstição religiosa e a tirania teológica de que fala eram próprias do século XVII. Porém, ao analisá-las, buscando-lhes a gênese, não nos torna mais capazes de compreender as formas de nossa alienação contemporânea, cuja origem se encontra na mídia, na imprensa, na escola, na propaganda? (...) Ao analisar a gênese do poder violento que controla corpos e almas, beneficia os corruptos, persegue os honestos, censura as idéias, não nos ajuda a compreender com mais clareza os poderes autoritários, corruptos e violentos que hoje nos dominam e bloqueiam a liberdade de pensamento e de expressão, o direito à opinião e à participação política?”

Sawaia (2011) concorda com a pertinência da filosofia espinosana defendendo que Espinosa dá pistas importantes na busca de respostas sobre a

alienação com suas análises sobre afeto, potência de ação e servidão que foram incorporadas a uma teoria psicossocial por Vigotski, que deixou orientações teóricas e metodológicas na análise das emoções. É sabido que Vigotski, influenciado pela filosofia monista de Espinosa, concebe a emoção como relação entre afeto e intelecto, ou seja, não é apenas sensação, percepção ou expressão, não está desvinculada dos processos psíquicos muito menos da inteligência, mas é uma função de complexo desenvolvimento no homem.

Na *Psicologia da Arte*, Vigotski (1999) apresenta duas ideias importantes para a presente pesquisa: sobre o papel da arte e das emoções no desenvolvimento humano e assim deixa pistas para a análise da forma da recepção do suicídio e como se (com)partilha o sofrimento do outro, nas tecnologias de rede. Para Vigotski (1999) a arte é uma técnica, técnica social das emoções, para afinar nossa sensibilidade. Ao dissertar sobre a arte como técnica social dos sentimentos, Vigotski (1999) coloca a técnica como um instrumento social, onde tanto a técnica em questão quando o conhecimento científico, da criação humana, tornam-se instrumento da sociedade que favorecem o desenvolvimento humano. Frustrado com interpretações da obra de arte por meio da análise dos elementos isolados e estéticos, vai estudar a obra de arte pela recepção como um complexo movimento de emoção capaz de promover transformações – a catarse. O pensador russo revelou seu interesse em compreender este efeito complexo da arte na consciência humana indo além da qualidade semântica na literatura e no teatro. Na tragédia de Shakespeare, Vigotski encontrou a trama das paixões e das motivações humanas, que se ocultam por trás das ideias, e inspiradas em Stanislavski propõe a busca do subtexto, da base afetiva-volitiva da consciência, ou seja, do sentido (NAMURA, 2003). Shakespeare foi o autor escolhido por Vigotski, como reflete Namura (2003), na análise da tragédia porque seu estilo aponta no conflito trágico o homem revolucionário, o drama baseado na própria vida humana. Em sua obra, Shakespeare revela o conhecimento da história do seu tempo e através dela a realidade concreta de seus personagens, que

expressam suas paixões humanas e a vivacidade das tramas afetivas no drama da época:

“o que está em jogo não são as idéias tão somente, mas as paixões e os interesses dos homens, que se ocultam por trás delas, que repousam por sua vez, num solo real, concreto, histórico, no qual reside o conflito trágico revolucionário, pois, em última instância, a tragédia não se alimenta de idéias nuas, mas das contradições profundas da vida real. Os personagens refletem homens reais e vivos, e por isso, a história aparece através deles, plena de vida.” (NAMURA, 2003, p. 137)

Nesta pesquisa, para analisar a comunicação cotidiana na internet e as afecções que ela promove, foram escolhidos comentários sobre notícias de suicídio, aparentemente fugindo um pouco dos temas centrais da Psicologia Social, no entanto a escolha se deu, principalmente por destacar a reflexão sobre o humano, como apontou Silvia Lane (1995) sobre a importância de se atentar para as questões da humanidade dentro da competência da Psicologia Social como campo de pesquisa e do conhecimento. A escolha também foi influenciada pelo trabalho e interesse desde a graduação. Para melhor compreender o sentido é preciso compreender a passagem da Psicologia da Arte onde Vigotski afirma que “a arte é o social em nós”.

“A psicologia da arte analisa a obra de arte para compreender o fruidor da arte, para entender os mecanismos psicológicos, e não para abstrair o sentido do texto. Esse foco - a arte como fenômeno do psiquismo social [como fenômeno psicossocial] insere a categoria sentido, direcionada para o receptor, não para o texto da obra. A análise do sentido recai sobre o sujeito e sua reação estética, concilia os contrários e realiza a síntese psicológica, instaurando o sentido. Evidentemente isso só é possível em função da intencionalidade do autor e/ou da estratégia de construção da obra literária, não basta o conteúdo, a forma também é fundamental, mas numa construção dialética. Esse é o motivo por que Vygotsky é reconhecido como o precursor da estética da recepção, que a

semiótica veio explorar bem mais tarde. (NAMURA, 2003, p.74).”

Nessa obra ele critica os que analisam uma obra de arte pela sua forma, pela psicologia do autor, pelo contágio ou pelo contexto histórico, e defende que é explicada pela recepção, pela forma como é experimentada pelo fruidor. Critica também os que analisam apenas “as próprias emoções do espectador como Christiansen e não leva em conta as co-emoções [...] Se vivo com Otelo a sua dor, os seus ciúmes e tormentos, ou o terror de Macbeth diante do espectro de Banquo, trata-se de uma co-emoção, se temo por Desdêmona , quando esta ainda ignora o perigo que corre, trata-se de emoção do próprio espectador, que precisa ser distinguida da co-emoção (VIGOTSKI, 1999, p. 262).” Vigotski (1999, p. 260), critica os psicólogos por não terem conseguido apontar a diferença que existe entre o sentimento na arte e o sentimento real, afirmando que essa diferença se resolve por uma atividade sumamente intensificada da fantasia “As emoções da arte são emoções inteligentes. Em vez de se manifestarem de punhos cerrados e tremendo, resolvem-se principalmente em imagens da fantasia (VIGOTSKI, 1999, p. 267)”. O que Vigotski vai chamar de emoção estética exige fantasia. A teoria da empatia permite entender apenas como é possível viver com Otelo ou Macbeth suas paixões. Porém, não permite compreender as emoções propriamente suscitadas pela obra de arte ao homem. Vigotski sabe que apenas parcialmente é possível vivenciar no teatro sentimentos ou afetos na forma que são apresentados nas personagens, porque nem sempre vivenciamos *com* os personagens (ou atores), mas sim *movidos* pelos sentimentos das personagens. Para defender esta dimensão do afeto, ele critica os que o reduzem a com-paixão ou a empatia:

“só parcialmente vivenciamos no teatro os sentimentos e afetos na forma em que são apresentados nas personagens, o mais das vezes os vivenciamos não *com* mas *movidos* pelo sentimentos dessas personagens. Assim, por exemplo, a compaixão leva injustamente esse nome, porque só muito raramente sofremos *com* alguém, e é muito mais frequente

sofrermos motivados pelo sofrimento do outro (VIGOTSKI, 1999, p. 263).”

A arte é uma espécie de sentimento social prolongado ou uma técnica social dos sentimentos, não os inibe em prol da racionalidade, mas as estimula e potencializa para a transformação. As emoções são da ordem do sentido e determinadas pelos significados. Nesta pesquisa vamos nos ater à análise dos comentários, especificamente às expressões dos afetos por escrito, e se elas nos revelam qualidade de afetações, na concepção espinosana (aumentam ou diminuem a potencia de ação) e no caso de Vigotski se revelam o coletivo na comunicação.

No sistema filosófico de Espinosa, os três afetos primários do ser humano são a alegria, que aumenta nossa capacidade de agir, a tristeza, que diminui a nossa capacidade de agir e o desejo, que é determinação e pode nascer da alegria ou da tristeza. Chauí (2011) esclarece sobre estes afetos, que, quando a alegria é causa externa do afeto, trata-se de amor. Quando a tristeza é causa externa do afeto, trata-se de ódio. O desejo alegre é contentamento. O desejo triste é frustração. Porém quando a imaginação (ilusão) toma conta dos afetos, estes são paixões.

Entretanto, os afetos nunca são puros, mas se combinam na forma de afetos variados. São inúmeras as combinações: amor, ódio, esperança, medo... Combinações infinitas, impossível nomear todas, segundo Chauí (2011). Paixões tristes com alegria, paixões alegres com tristeza... Mas, na lógica espinosana, a alegria sempre indica aumento da potência de existir e a tristeza diminui essa potência. O afeto ou desejo alegre é sempre mais forte que o afeto ou desejo triste. Chauí aponta alguns afetos tristes: ódio, aversão, medo, ciúme, desespero, remorso, arrependimento, comiseração, autocomiseração, autoobjeção, humildade, modéstia, inveja. E desejos tristes: frustração, cólera, vingança, crueldade, temor, consternação. Entre os afetos e desejos alegres, sempre mais fortes estão o amor, a generosidade, a glória, esperança, gratidão, segurança, devoção, estima, misericórdia, benevolência, coragem, força de ânimo (CHAUI, 2011).

Sobre as diferentes combinações na análise dos afetos, começando pela “piedade”: quando aparece como comiseração é, por isso, paixão triste. Já misericórdia que é também uma forma de piedade, pode ser compreendida como afeto alegre, pois, apesar da semelhança, trata-se de outra combinação, nasce do afeto e torna-se desejo alegre, determinação, como fica claro ao buscar a definição da palavra “misericórdia” no dicionário Houaiss: *“sentimento de dor e solidariedade com relação a alguém que sofre uma tragédia pessoal ou que caiu em desgraça, acompanhado do desejo ou da disposição de ajudar ou salvar essa pessoa; dó, compaixão, piedade”*.

Para encerrar a reflexão sobre afeto em Espinosa e Vigotski, fica a questão da diferenciação da co-emoção da com-paixão, útil para análise final. Em síntese, a co-emoção acontece quando o leitor emociona-se, mas, esta emoção é suscitada através da emoção do outro. Já a com-paixão é a emoção suscitada por sofrer *com* alguém. Essa reflexão serve para a expressão das emoções na internet, já que Vigotski fala sobre as emoções na literatura e no teatro, onde a escrita também revela a expressão das emoções e não as emoções propriamente ditas (das personagens ou dos atores). Sobre as emoções e sentidos na linguagem escrita, ou melhor, na escrita oralizada na internet, as reflexões sobre o conceito de linguagem interior em Vigotski ajuda a esclarecer as dúvidas restantes na discussão final desta dissertação.

6 Análise dos comentários

Há, nos comentários na internet, emoções que expressam compromisso ético-político com o sofrimento do outro? Nas comunicações observa-se uma potência de ação em comum, ou seja, a tecnologia promove a expansão de reflexões sobre as questões levantadas no plano individual e coletivo? O que dizer sobre esta “potência alienada”, esta dualidade que destaca as possibilidades de mudança através da internet, no caso desta pesquisa, dentro do avanço da própria tecnologia e do consumo a serviço dos próprios usuários? Os afetos expressos revelam passagem para o sentido, para a comunicação? O que diferencia, na internet, essa passagem, que surge através da comunicação e das relações, revelando expansão das reflexões e busca de ações?

Essas são perguntas norteadoras para uma análise além da visão determinista e massificada sobre o coletivo na crítica às tecnologias midiáticas, direcionando a investigação para um olhar onde a técnica é capaz de valorizar as diferenças e singularidades com um olhar ético e político para a livre expressão do homem, na comunicação cotidiana e tecnológica.

Assim, o método de investigação e análise concentra-se na interpretação dos sentidos e afetos expressos nos comentários e funciona da seguinte forma: são observados nos registros escritos as emoções expressas diretamente ou indiretamente através dos afetos e ideias e (ou) relacionamentos e pessoas referentes a estas emoções. Buscando compreender, segundo a filosofia monista de Espinosa, que inspira a concepção do sentido em Vigotski na leitura desta pesquisa, a relação da alma e do corpo com o mundo como uma relação afetiva. Será possível pensar essa relação originária através das conexões pela internet? Afinal, aqui, a emoção não é vista como virtual ou real. Inspirada nos escritos de Chauí sobre

emoções e mídia e também na Psicologia do ator, na abordagem de Vigotski, reflexão sugerida pela professora Lavínia Magiolino no exame de qualificação, os comentários induziram a uma reflexão sobre a expressão das emoções, diferente das emoções propriamente ditas, ou seja, como escrever a experiência de uma emoção ou como escrever a expressão de uma emoção ao ser publicada na internet, essas diferenças são um ponto fundamental a ser estudado, longe de ser esgotado neste estudo.

6.1 Categorias expoentes dos sentidos do sofrimento do outro

As categorias foram elaboradas ao estudar as planilhas que ajudaram a organizar todos os comentários coletados sobre o caso de Cibele e de Wellington e para auxiliar a interpretação dos sentidos e afetos que emergem sobre o sofrimento do outro, inclusive nas diferenças do contexto entre as duas tragédias pessoais. Havendo contradições, emoções conflitantes na expressão dos usuários as categorias auxiliam a interpretar as diferentes combinações de sentidos e afetos nos comentários de diferentes categorias.

Valorativa/moral: normatização da conduta ou tabu, covardia, crime, pecado.

Crítica/Não concordância: crítica não se reduz a conduta.

Explicativa/motivo: ignorância, questão religiosa, problema funcional na família, doença, contágio emocional.

Causalidade/livre arbítrio: suicídio como escolha consciente, consciência como poder de escolher, individualismo.

Afetos/paixão: piedade, solidariedade, comiseração, indignação, repressão, solidariedade, compaixão, co-emoção.

Banalização: ridicularização da conduta, piada, publicidade.

Instituição: crítica aos órgãos reguladores da verdade: religião, ciência, polícia, governança, mídia.

Chamada para ação: além da indignação, elaboração de saída para solidão/individualismo

Recursos típicos da linguagem na internet serão grifados em negrito, como emoticons, para facilitar o acompanhamento da análise, que apontam a linguagem na internet como uma escrita oralizada e a ideia de movimento na conversa transmitida pelos usuários.

6.2 Cibele

Uma diferença fundamental das notícias do suicídio de Cibele comparando com Wellington, é que não houve variação significativa do conteúdo dos comentários do primeiro dia ao último dia da coleta, exceto pela publicação de sua carta de despedida pela revista Caras, após a morte da atriz, que gerou polêmica entre os familiares que “ficaram”. Essa diferença se dá, provavelmente, porque a conduta de Cibele é a própria história midiática, a exploração de seu sofrimento pela mídia aconteceu *antes* do seu suicídio noticiado, que gerou os comentários coletados. É possível afirmar no caso de Cibele, que com seus anúncios, primeiro no Twitter, depois no email que enviou à Revista Caras, buscou a visibilidade de afetar. Os afetos aqui, se referem à personagens delimitadas, possuem nome e referências, como seu namorado, que suicidou-se antes da atriz. E o ex-marido e cavaleiro que

aparece como o “vilão” da história na carta de despedida de Cibele, famoso porque terminou com a atriz e casou-se com uma milionária. Assim após a morte de Cibele, muitas manifestações nos comentários mencionaram seu sofrimento e por isso um material com emoções diretamente relacionadas com o sofrimento do outro, permitindo uma análise guiada pelas categorias.

Causalidade/livre-arbítrio:

Não se discuti uma decisão pessoal tomada e executada. Apenas se aceita e não se questiona os efeitos e causas. Ela ponderou e agiu como achava que deveria agir. Para a família e amigos resta apenas aceitar a decisão pessoal que ela tomou.

Aparecem comentários que apontam sentidos do sofrimento de Cibele como uma “má escolha”, assim como sugestões implícitas de uma “boa conduta”. As chamadas para ação no caso de Cibele, em todo o trabalho, aparecem como sugestões de prevenção do suicídio, quando aparecem em ideais ou ideologias, significados da religião.

O amor por um homem era tanto, que o amor pelos filhos dela nada significava naquele momento. Já que queria tanto seus filhos porque não foi à luta e procurou ajuda para se tratar. Bem fez o Doda em criar a filha. Estranho ele ser um monstro, e se prontificar a criar o filho dela né? A causa do suicídio pelo que parece foi somente pelo amor incondicional ao suicida, seu ex. Uma pena. Ela perdeu a chance de mostrar que poderia ser mãe com caráter e dignidade, e ver seus filhos crescendo.

Se ela se dedicasse a visitar uma vez por semana uma ala de doentes terminais, crianças com aids, pacientes com alzheimer, parkison, possivelmente poderia ter reencontrado o valor da vida. O exemplo deixado infelizmente é de egoísmo e covardia principalmente em relação a seus filhos. So a lamentar por estas crianças.

Afetos/paixão:

Esta categoria aponta a co-emoção, já que o sentimento do outro, a expressão da emoção da própria Cibele em sua carta de despedida, motivou a emoção do próprio usuário, conforme sua expressão no comentário. Da mesma forma o comentário seguinte, onde o afeto aparece motivado pela mesma leitura e assusta ou impressiona o usuário/leitor.

*O amor só bate uma vez na nossa porta, não deixem escapar pela janela. 'Cibele Dorsa' **#Reflita***

Chocado com a morte da Cibele Dorsa ...

A imaginação permite sentir com o outro, e no sentir com o outro, o destaque para o emoticon ao final da frase que transmite a ideia desse movimento.

tá certo que nao justifica muito.. mas, deve ter sido muuuuito foda a cibele dorsa suportar oq aconteceu ;/

Repetem-se as citações de sua carta, como um livro de romance, uma história “familiar”, porém, pouco se reflete sobre o assunto. Por outro lado as emoções são expressas diretamente ou indiretamente no caso de Cibele, facilitando a observação sobre as emoções nos comentários.

*O amor só bate uma vez a nossa porta, não deixem escapar pela janela..” Cibele Dorsa e Gilberto Scarpa...**Romeu e Julieta do tempo moderno.***

Afeto/paixão e outras combinações:

Afetos e paixões também aparecem nos sentidos do sofrimento de Cibele, sobre sua conduta como um ato livre-arbítrio (causalidade/livre-arbítrio) já que expressam uma compreensão do suicídio de Cibele como uma escolha responsável e consciente, comparando à conduta de Wellington, que é vista como questão valorativa/moral, associada com os assassinatos cometidos, como covardia, crime, pecado.

*Gente, por que num vai e se mata sozinho? por que tem que atirar nas criança, carái? ~**CIBLEDORSA, DIVA!!!***

Essa categoria também aparece associada com a categoria explicativa/motivo, para alguns leitores o suicídio da atriz aparece como um problema conjugal, e assim é expresso como compaixão:

Atriz que morreu por amor...Cibele Dorsa.

Sobre a necessidade de comunicar o sofrimento, afetar e ser afetado. Os comentários abaixo revelam que as ideias transmitidas afetam uns aos outros leitores/usuários além e podem suscitar reflexões:

Por que tantos comentários raivosos contra essa moça?
Será que não percebem que ela era um simples ser humano, com qualidades, defeitos, dores, alegrias? Que ela já amou e foi amada, que ela já teve sonhos e decepções, que ela já foi um dia uma criança inocente que acreditava em fadas, papai noel, coelhinho da páscoa e que sonhava em ser princesa?
Deixem a moça em paz...

Dentro da mesma categoria, uma surpresa para a pesquisa. Cibele fez questão de enviar por email à Revista Caras, uma carta de despedida. A necessidade de afetar e ser afetado, o suicídio como gesto de comunicação, fica claro aqui. Seu ex-marido foi mencionado na carta, que entrou com processo na justiça para que seu nome não fosse mencionado na publicação sobre Cibele. Quando a carta de Cibele foi liberada na íntegra, é que novos comentários foram circulados na rede sobre o assunto, novos sentidos do sofrimento, agora não apenas referentes a vida de Cibele como aos filhos que ficaram e o ex-marido. Assim, novos comentários surgiram sobre a história que já parecia ter chegado ao fim. Os comentários abaixo mostram a repercussão que a Revista Caras teve nos comentários sobre Cibele:

Gente. quem é cibeledorsa?

- ela era atriz e escritora. ele tava em depressão, eu acho, não lembro direito. joga no google cibeledorsa

acho que to meio atrasado, mas a cibeles dorsa morreu mesmo?

Nossa, tao falando do suicidio da Cibeles Dorsa. "Dizem q era atriz" "Nunca ouvi falar"

*Carta de Suicidio de Cibeles Dorsa ? Nossa ... Vou ler não .
#Medo*

me encanto pelas palavras da Cibeles Dorsa, ela nao falava, ela filosofava!!

A quem fale mal da Revista @caras, eu adoro e essa edição da morte da Cibeles Dorsa ta foda.

*gente o que é a carta da Cibeles Dorsa Cibeles?#emocionante
"tu és foi...minha vertigem, meu oásis, minha eterna paixão*

A carta de Suicidio da Cibeles Dorsa é uma obra literária do desespero.

Tenho pena da Athina...essa nunca vai conhecer um homem de verdade, um amor. " Cibeles Dorsa sobre Doda Miranda

Tava lendo a carta que a Cibeles Dorsa escreveu antes de morrer ! Muito louca .

Gente tava vendo a carta que a Cibele Dorsa escreveu antes de morrer! história triste...

me encanto pelas palavras da Cibele Dorsa, ela nao falava, ela filosofava!!

*Cibele Dorsa que nossas orações ajude você e Gilberto Scarpa a acalmar seus corações, " o amor além da vida " **LUTO!***

uma pessoa que faz o que essa mulher fez, e antes de cometer o ato deixa preparada uma carta para a imprensa detonando seu ex-marido, não merece o mínimo de credibilidade. Se ela tinha muitas verdades a falar sobre ele, que falasse em vida, para que ele pudesse se defender e ela rebater. Agora, fazer isso,deixar o cara com fama de vilão é no mínimo covardia. Segundo seu próprio irmão e assessor, ela mesma vivia mandando emails para o "monstro" agradecendo pelo apoio que lhe dava mesmo distante.

Essa mulher so apareceu na mídia apos se matar, e ainda fala do Doda? Ah se o pai do meu filho me ajudasse eu cuidar pelo menos do filho que tive com ele. Nao entendo essas mulheres, apesar de ser mulher.

*Cibele Dorsa morreu? Quer dizer q eu tenho uma playboy de gente morta?? **O.o***

Muito triste a história de Cibele Dorsa, ela escreveu aqui no twitter as últimas palavras antes do suicídio e também deixou uma carta.

Se o coração no rosto estampasse, muita gente que sorri talvez chorasse!" (Cibele Dorsa)

Destacando os dois comentários abaixo como exemplo de “escrita oralizada” – quando a palavra da língua inglesa “tweet” é aportuguesada e aparece como o verbo “tuitou” , além da repetição das vogais que parecem expressar espanto:

*a Cibele Dorsa **tuitou** o suicídio e mandou uma carta pra Caras por e-mail. Nada de bilhetinhos analógicos.*

maaaaaaaaaaaaaaaaaano a cibele dorsa se matou e eu nem sabia , velho, que loucaaaaa

O uso de emoticons parece solução encontrada pelos usuários para intensificar uma ideia ou paixão aos outros interlocutores, abaixo um exemplo de comentário sem e outros dois com emoticons para expressar tristeza.

estou muito triste com a morte de cibele dorsa

vo me tacar da janela igual a Cibele Dorsa. =/

fiquei meia que arrepiada lendo a carta da Cibele Dorsa :-~

Até mesmo as publicações mais informativas não aparecem como apenas um “copiar e colar”, mas em uma construção do autor do comentário.

Falando nisso, no Terra Argentina, há uma foto de Cibele Dorsa com seu namorado. Conocé La Historia de la Modelo que se Mató por Amor.

Crítica:

Quando a crítica não se reduz à conduta, observam-se questionamentos e reflexões sobre o acontecimento, associadas com outras categorias, críticas institucionais, até ao próprio canal de mídia e produções escritas, resenhas e publicações dos usuários que comentam.

Agora dizem que noticiar o atirador e o suicídio da Cibele Dorsa vão influenciar outras pessoas. Mas seria jornalismo omitir ?

Ficam meus textos sobre o suicídio de Cibele Dorsa, e o caso de homofobia, onde menores de 13 e 16 anos matam a namorada da irmão...

Texto sobre o suicídio da atriz Cibele Dorsa pronto! (um já foi)

*São tantos assuntos que quero postar no blog: Homofobia em Jataí, suicídio da atriz Cibele Dorsa, o filme Bruna Surfistinha
~~ time cadê tu?*

SR JORNALISTA: ELA NÃO "CAIU"; ELA SE JOGOU. Não se pode tratar esse assunto infelizmente cada vez mais comum como TABU. Aposto que o manual de redação, essa receita de bolo medonha, anda proibindo o uso dessa palavra. O assunto deveria ser debatido e mais discutido, para que coisas como essa pudessem ser evitadas...

Suicídio não tem nada a ver com faixa social, riqueza ou pobreza. Tem a ver com desespero, falta de perspectiva, depressão, drogas, etc. O ser humano é essencialmente muito parecido, a despeito da pobreza ou da riqueza, todos estamos sujeitos aos mesmos dramas e angústias existenciais.

Artistas e afins estão ligados de tal forma em redes sociais que usam até pra comunicar a morte ou pra avisar que vão se matar e os parentes que mesmo no momento de dor arruma tempo pra postar alguma coisa na rede. Agora só falta alguém vir falar que a culpa é da mídia que não respeita a privacidade nem a dor de ninguém.

Banalização da conduta:

Piadas banalizando o sofrimento do outro, inclusive associando a conduta de Cibele com outras tragédias pessoais noticiadas pela grande mídia em outros momentos, ou a de Wellington, apareceram com certa frequência, destaque para dois comentários:

O apartamento de Cibele Dorsa, será a nova casa do casal Nardoni. Não há grades na janela!!!

quando a gente acha que terminou a sessão loucurada (nardonis, lindembergs, cibeles dorsa) vem um demente e consegue ser mais doido ainda...

Valorativa/moral:

Crime, pecado e religião, sempre aparecem nas percepções e avaliações das notícias de suicídio.

Se esta mulher tivesse tido um encontro com Jesus, isso nunca teria acontecido

Que Deus a tenha sim! O suicídio vai contra meus princípios, mas não é por isso que eu tenha que acabar com a reputação dela. Julgar é fácil. Vivenciar a situação é difícil. Tenho pena dos meus colegas "comentaristas".

Caros mortais... Parem de colocar motivos de culpa pela falta de Jesus ou do suposto Deus, um velho de barba branca que "fica nas nuvens" longe da malha aérea, delegando ordens! A mulher morreu porque as leis da física foram mais fortes do

Não sei o que o sr. quis dizer com "macumbeira das brabas", mas procure se informar antes de qualquer coisa, principalmente se estiver questionando a religião alheia. Quer dizer que, se ela fosse evangélica, católica ou outra religião, diferente de Umbanda ou candomblé, estaria tudo certo? SOu umbandista e tenho Deus em meu coração e alma. A inconsequência do suicídio independe de religião, e sim, fé em

Deus pra superar-se os problemas, Infelizmente, foi o que faltou pra essa moça.

Concordo com você Fabiano pois se a moça tivesse Deus no coração e na alma, ela não iria cometer suicídio.

6.3 Wellington

No caso de Wellington, seu suicídio aparece de forma espetacular e não como elemento central nas notícias. Um espetáculo com personagens anônimas e por isso conduta de fácil manipulação na mídia, como foi constatado nas informações da realidade noticiada. Qual a emoção que sustenta o sentido e que parcialmente se revela nos registros escritos na internet? Na impossibilidade de compreensão da motivação do espectador, os afetos suscitados pela notícia são analisados através de suas expressões nos registros escritos deixados pelos próprios usuários.

A imprecisão dos dados informacionais pode estar relacionada com diferentes fontes consultadas ou até mesmo um pequeno erro ao digitar ou repassar um informação. Imediatamente no primeiro dia, com os noticiários diurnos e noturnos (a tragédia em Realengo aconteceu pela manhã) que transmitiram imagens, vídeos e opiniões, muitas suposições se espalharam pela rede, sobre um sujeito que nada se sabe sobre. Com o passar dos dias mais especulações surgiram, porém, os fatos noticiados sobre este jovem sugerem que ele: 1) apresentou-se na entrada do colégio, onde matou doze crianças, como palestrante e ex-aluno; 2) não sobreviveu após os homicídios, que foram todos filmados pelas câmeras dentro das instalações do colégio; 3) foi noticiado que cometeu suicídio após o crime, informação contraditória com

outra, de que um policial impediu que ele matasse mais crianças quando atirou no “atirador” e por último, 4) foi noticiado que Wellington foi enterrado como indigente. Além disso, também foi afirmado que seu nome era Wellington de Oliveira, 23 anos, morador do bairro Realengo (morava sozinho). A partir dessas informações transmitidas, especulações dos jornalistas apontaram que era sozinho, não se dava bem com garotas, e que sofreu de bullying na infância – tudo isso associado ao fato que matou mais meninas do que meninos, 10 meninas e 2 meninos, e que, segundo relatos das pessoas presentes, Wellington poupou um menino gordinho, o que poderia indicar, dentro dessas especulações relatadas, que o atirador era tímido e se identificou com o menino gordinho, que por ser gordinho, seria uma criança que sofre bullying na escola, logo, o atirador Wellington de Oliveira, sofreu bullying naquele mesmo colégio em Realengo, o que explicaria o ódio em relação ao colégio e às crianças(!!!!).

Explicativa/motivo:

As especulações criaram uma história jornalística, e como se sabe é frequente a chamada de psicólogos, cientistas, especialistas em busca de amparo para as reflexões na grandes mídias, em busca de interpretação válidas que possam explicar e talvez confirmar segundo a ciência, órgão regulador da verdade, esses fatos noticiados, ou, na melhor das hipóteses questionar, debater, de forma a promover e não estabelecer uma verdade diante dos fatos. Alguns usuários na Folha, que podem até acompanhar sempre o jornal, já previram este movimento nos comentários:

Muitos especialistas em comportamento humano se debruçaram sobre esse caso, afinal trata-se de seus ofícios. Mas a qualquer pessoa salta à vista uma contaminação de tragédias idênticas, especialmente nos EUA. Mas as imagens

de lá trazem a tragédia até nós e elas tanzizam principalmente as consciências mal formadas a ponto de buscar uma forma de se "afirmar" mesmo como anti-herói. Nota-se também um outro "ingrediente": o fanatismo religioso. Até que ponto estamos ficando loucos?

Não sou especialista, mas no perfil do atirador de Realengo só vejo: um psicopata, que se via como um ser especial condenado a viver num contexto de abandono e insignificância. Assim, buscou meios de chamar a atenção pra si e conquistar projeção. Os traços de fanatismo religioso são meramente figurativos e simbólicos, não estão relacionado propriamente com uma religião, só dizem DO NARCISISMO MALÍGNO. Sua ação satifez a necessidade doentia de atenção e projeção: PELO INUSITADO. Se a moda pega

Cara, a questão disso tudo é psiquiátrica. Este infeliz estava com gravíssimas perturbações mentais, jamais poderia ser permitido a ele de ir morar sozinho, um doente mental sempre deve estar acompanhado. Doido não age por razões lógicas, não há sentido no que fazem!

Mais uma vez as perícias (criminalística e médico-legal) serão fundamentais na compreensão técnica das circunstâncias do crime de realengo.

Os diferentes comentários no Twitter nem sempre informam a notícia com a mesma exatidão. Exemplo: em um comentário o usuário afirma que o "atirador" teria 23 anos. Em outro, 24. Alguns comentários são mais difíceis de categorizar, já que fazem menção a outro meio de informação transmitido que a pesquisadora não teve acesso, impossibilitando uma interpretação ou com o risco de gerar apenas uma especulação confusa e improvável, seja um

comentário irônico, um relato, mas que faltem elementos para interpretação baseada no referencial teórico-metodológico adotado. Assim, como já estabelecido, faltando dados para compreensão, estes comentários foram descartados.

Um exemplo da primeira tentativa de análise da expressão das emoções para categorizar os sentidos expostos nos comentários, onde grifos apontam afetos e ideias, pessoas e relações associados às expressões das emoções, como está na tabela abaixo, com comentários referentes à busca no Twitter realizada em 07 de abril de 2011, às 23h20, pela palavra-chave “atirador”:

1.	<u>Primeira página da Folha tá parecendo o programa do Datena. Foto do atirador morto é demais né produção?</u>
2.	A venda de armas ou não é irrelevante nesse caso, <u>duvido que o atirador tinha porte de arma, e as armas usadas eram legais.</u>
3.	doente <u>tarado</u> corno esse atiradorbabaca <u>diabólico</u>
4.	menina ao ver que o atirador iria matar sua amiga se meteu em frente ao tiro que a acertaria para <u>salva-lá.</u>
5.	O sargento Márcio Alves, que baleou o atirador, virou <u>herói</u> fluminense. Saiu do nosso link sob aplausos da população. <u>#tragedianorio</u>
6.	O FDP do atirador do realengo era virgem e deixou uma carta falando "Só os castos podem encostar no meu corpo e bla bla bla" <u>Crente de merda</u>
7.	Gente do céu, <u>me caguei lendo a carta que o atiradordeixou, sério!</u>
8.	Então atualizando o status do atirador: <u>Muçulmano ateu que reza pra jesus, HIV positivo virgem. Imprensa tá de parabéns!</u>
9.	então uma menina se jogou na frente da amiga dela, <u>pro atirador não matar a amiga? OOOOOOOOWN *-*</u>
10.	Pra fazer <u>justiça</u> , vários veículos de comunicação também divulgaram nota q <u>comunidade muçulmana repudia associação com atirador do RJ.</u>

11.	a religiosidade do atirador, <u>a julgar pelo conteúdo da carta</u> , seria um <u>subproduto do evangelhismo televisivo</u> .
12.	Um mês depois, de volta a SP. E na boa, <u>não to afim nem de abrir a boca sobre o caso do atirador</u> . Merda acontece, é o que dá pra falar.
13.	E aí <u>@DatenaOficial</u> , o atirador do Rio não tinha Deus no coração? O teor religioso da carta de despedida foi forjado? <u>Aprendamos com o caso</u> .
14.	A <u>morte e o inferno ainda é pouco</u> pro atirador que matou as crianças no Rio.
15.	<u>hoje no Brasil rb aconteceu uma tragédia igual acontece aí</u> , um atirador entrou em uma escola e matou 13 e tem mais feridos...
16.	Se esse atirador estivesse vivo e pedisse perdão. Você seria capaz de perdoar esse homem? <u>#JesusAmavaEle</u>
17.	A origem de todo mal... RT <u>@Mendigamos</u> : Carta deixada pelo atirador do colégio do RJ revela que <u>o assassino era um fanático religioso</u>
18.	Fiquei sabendo agora sobre o <u>caos</u> do atirador no Rio de Janeiro... <u>Misericordia..</u>
19.	se eu fosse um desses pais e o atirador não tivesse cometido suicídio eu iria, nem que fosse, pro inferno pra poder torturar ele até a morte
20.	Ta faltando Deus na vida das pessoas. <u>Se esse atirador tivesse uma intimidade com Deus, estaria espalhando AMOR, NAO MATANDO!</u>
21.	<u>dizem q o atirador (assassino) havia sofrido violência física ou psicológica(Bullying) na escola do Rio. O q n justifica tal crueldade.</u>
22.	A <u>morte e o inferno ainda é pouco</u> pro atirador que matou as crianças no Rio.
23.	Lendo ultimos tweets de <u>@FabianoLucas @renato_rosase @renatahermes</u> <u>Antes o atirador nao tivesse morrido... merecia era viver pra sofrer</u>
24.	o atirador de <u>#Realengo</u> não tinha deus no coração? <u>Aproveita para aprender a calar a boca com essa tragédia</u>

25.	Relaxa, gordinho, eu não vou te matar', disse atirador a aluno - POutz... fiquei deprimido agora... <u>kkkkkkk</u>
26.	Canhao não mata só segue a ordem do atirador . <u>#RIOforça pras famílias ai !</u>
27.	NOSSA Q TRAJEDIA ESSA NO RIO <u>ESSEATIRADOR DEVIA ESTAR REVOLTADO DA VIDA Q PESSIMO ISSO...</u>
28.	ta me mostrando a carta que o atirador escreveu , <u>doidinho da pedra o homem gente ./</u>
29.	<u>pior é saber que se esse atirador não tivesse morrido ele seria condenado, preso e solto em uns 10 anos... #realengo</u>
30.	Que Deus possa abençoar este mundo. <u>Todos nós devemos orar pelas famílias das vítimas do atirador no colégio no RJ.</u>
31.	Sobre o ocorrido de hoje, a minha humilde opinião. Sim, <u>foi uma tragédia. Mas criar comunidades xingando o atirador não é ser solidário!</u>
32.	Hoje quase todas <u>as aulas foram sobre essa loucura que aconteceu na escola do Rio de Janeiro. Tivemos até que copiar a carta do atirador '-'</u>
33.	Atirador que matou 13 crianças em colégio de Realengo teria <u>motivações religiosas..</u>
34.	<u>Irmãos de atirador do Rio dizem que ele era 'estranho': Wellington Menezes de Oliveira, 23, --que invad...</u>
35.	Longe de mim julgar o policial que impediu o atirador de fazer mais vítimas, mas <u>que a história do suicídio está mal contada, ah, isso está.</u>
36.	ao atirador de crianças do RJ: <u>VAI ARDER NO INFERNO, FDP!</u>
37.	<u>Assisti aos videos do atirador dentro da escola, as crianças sendo baleadas, triste demais!</u>

Tabela 1. “Afetos, pessoas e ideias relacionadas com as emoções expressas nos comentários”.

Os comentários coletados sobre a conduta de Wellington apontaram que o seu sofrimento, seu suicídio foi um fato predominantemente banalizado e normatizado nos comentários. Como é possível observar, os sentidos do sofrimento do outro, neste caso, são apontados para as vítimas, crianças e seus familiares. O que era de se esperar já que o suicídio nas notícias não aparece como fato central e é noticiado de forma espetacular e não informativa. O suicídio de Wellington aparece como condenável, covardia, pecado .

Sem intenção de banalizar o sofrimento dessas pessoas e a gravidade da situação, é preciso parar por um instante e refletir criticamente com o olhar da Psicologia Social.

Como é seu trabalho, a polícia do Rio foi encarregada de investigar o caso, porém não foi encontrada qualquer relação com grupos criminosos, ou seja, tratava-se de um caso isolado. Entre os pertences de Wellington nada foi encontrado além de fotos, diários confusos, material retirado do hardware do computador de sua residência como justificado, para saber se havia filiações com grupos criminosos. Os jornais, sedentos por criar uma seção especial sobre um crime de tanto impacto emocional coletivo e imediato, tiveram acesso à este material publicado, na íntegra, conforme a notícia, criando a reportagem especial sobre “O Massacre em Realengo”, com aspecto fantasmagórico transmitido pelo webdesign na Folha. A notícia que foi acessada na semana do crime, se acessada hoje, encontrará no mesmo link a notícia modificada com este título chamativo em vermelho e preto, além disso foram adicionadas fotos de todas as vítimas e descrições e relatos sobre elas.

Ao invés de elucidar os fatos, proporcionar reflexões sobre a origem de tanta violência, a grande mídia cria personagens e transforma essa tragédia em uma telenovela, especulando de forma sensacionalista e gerando pânico entre os espectadores. Afinal, como afirmou Chauí (2006, p, 45), “a desinformação é o principal resultado da maioria dos noticiários de rádio e televisão.” Exemplificando com crimes “espetacularizados”, a filósofa afirma que não são transmitidas informações à sociedade, a não ser “a ideia de que criaturas más e perversas, saídas de parte nenhuma, haviam se posto, sem

outro motivo a não ser a pura maldade, a ameaçar a vida e os bens de cidadãos honestos e desprotegidos” (CHAUI, 2006, p. 47).

Explicativa/motivo: questão religiosa

Curioso o apontamento de que a telenovela aparece como relato do real (CHAUI, 2006) foi constatado nos comentários na Folha sobre a conduta de Wellington, onde as explicações das motivações da conduta de Wellington aparecem em forma de superstição e preconceito, na categoria abaixo:

De onde vc tirou que o verme psicopata era muçulmano?

deve ter tirado da carta onde o rapaz comenta sobre o ritual do lençol branco, aliás esse ritual foi descrito no 1º capítulo da novela O CLONE, quando a mãe da Jade morre e ela era mulçumana.

Sim, vc não falou NENHUMA BESTEIRA, ele é ou recém virou ISLÂMICO, o ritual do lençol branco é inclusive mencionado corretamente na novela O CLONE no 1º capítulo, quando morre a mãe da Jade. Essa religião é P E R V E R S A, veja , se vc se interessar o site do Rafik, ali fala o quão p o d r e é essa religião que PREGA A VIOLÊNCIA aqueles que não são fiéis, ou seja aqueles que não são da religião deles, são c o v a r d e s quando querem colocar bomba no corpo e m@t@ar inocentes.

Sim, pela carta ele É MUÇULMANO, fala do ritual do lençol branco, ato inclusive comentado na novela O CLONE (1º capítulo) quando morre a mãe da Jade. Não se trata, Teresa de ser preconceituosa, veja o link do Rafik e veja quão p o d r e é

essa religião que recruta jovens depressivos como homens bombas que matam crianças, idosos, e esses jovens viram verdadeiros terroristas. A explicação para esse ódio vc encontra em como Ismael foi rejeitado por Abraão e daí , dessa rejeição surgiu o povo islâmico.

Pela noite, após um bombardeamento de informações no rádio, na TV e principalmente na internet, é possível verificar que a abordagem do jornal (onde os comentários a seguir foram coletados) de criar personagens ao invés de informar, repercutiu com muitas paixões, afetos ilusórios e imediatos. E como sair do medo e da superstição se essas são as emoções noticiadas? A busca por explicar a motivação do crime através de fundamentos religiosos preconceituosos predominou a imaginação dos leitores da Folha:

Muçullmanos estão felizes? Afinal vcs mataram 12 crianças no meu País.

Foi mais um crente i. diot a que foi sim influenciado pelo islam e pelo cristianismo. Uma pessoa de mente franca, influenciado por duas religioes que apoiam esse tipo de atos violentos em seus livros tidos como "santos".

Falam tanto de mulçumanos, hindus, espíritas e o cara que matou essas crianças era evangélico.

Assim, a superstição religiosa associada ao preconceito foi uma das categorias que mais apareceu neste caso:

Que Deus possa abençoar este mundo. Todos nós devemos orar pelas famílias das vítimas do atirador no colégio no RJ.

" Quando você tem um problema que é maior que você , você tem que se apegar em algo que é maior que tudo , tenha fé em Deus" #realengo

Citado por Chaui (2006), Jerry Mander, que trabalhou por 15 anos como executivo e relações públicas em redes de televisão norte-americanas, escreveu sobre as limitações tecnológicas que impedem maior liberdade de expressão, determinando a programação televisiva. Ele justifica que devido às limitações tecnológicas da TV, a programação/transmissão televisiva obedece a um conjunto de regras do que valoriza a exploração na “tela” da TV e do que recomenda-se evitar aparecer. Apesar desta pesquisa não tratar de transmissões televisivas, alguns comentários apontam uma troca de informações entre diferentes canais para expressarem suas reflexões. Vale destacar algumas poucas regras interessantes para essa pesquisa, entre todas formuladas e publicadas por Jerry Mander:

A morte televisiva melhor do que a vida: na morte tudo está claro e decidido, na vida tudo é ambíguo, fluido, não completamente decidido, aberto a muitas possibilidades.

Assuntos curtos com começo, meio e fim, são melhores do que assuntos longos que exigem pluralidade de informações e aprofundamento de pontos de vista.

Fatos externos (ocorrências e acontecimentos) televisionam melhor do que informações (ideias, opiniões, perspectivas) pois é mais forte mostrar coisas e fatos do que acompanhar raciocínios e pensamentos.

A guerra televisiva melhor do que a paz porque contém muita ação e um sentimento poderoso, o medo (a paz é amorfa e sem graça; as emoções são interiores e sutis e não há como televisivá-las). Pelo mesmo motivo, violência televisiva melhor do que não-violência.

O bizarro e o estranho televisivam muito bem.

Essas máximas ajudam a compreender tamanho sensacionalismo no caso de Wellington e também pensar que no caso de Cibele, diferentemente, a notícia que foi explorada durante o sofrimento antes do suicídio, depois, pouco foi falado de uma atriz também “anônima”, e principalmente, a diversidade de formatos que a internet permite, inclusive criações coletivas, de usuário para usuário, como é o caso nas redes sociais, entre tantas outras plataformas de compartilhamento de arquivos digitalizados, comunicação e informação, e até mesmo quando uma empresa na internet abre espaço para manifestações e interatividade direta ou em “tempo real”, diferenciando só por esses aspectos dos formatos televisivos que possuem suas limitações muito bem exploradas pelos detentores do poder midiático. E faz pensar nos avanços tecnológicos, no mínimo, capazes destacar a “voz” dos espectadores e não somente do espetáculo.

O que parece afetar os leitores são os crimes cometidos mais do que o suicídio de Wellington. Apareceu crítica à mídia sensacionalista, mas a tristeza, o ódio e o medo, a compaixão às vítimas e familiares, estão entre as emoções mais expressas nos comentários. Sentidos do sofrimento da vítimas e dos que “ficam”, como acontece no caso de Cibele, quando os leitores se identificam com a família que Cibele “deixou”.

Se nenhum “órgão regulador da verdade” encontra explicações, seja a Igreja, seja a Polícia, ou o Jornalismo, parecer tratar-se de um ato irracional e os comentários destacam a conduta como um ato de loucura, seja para pensar acolhimento ou apenas condenação.

Afetos/paixão:

A categoria “afetos”, refere-se, aqui principalmente à imagens imediatas, as paixões, no sentido espinosano onde imagem é percepção sensorial, primeira forma de conhecimento, e antecedem possíveis reflexões. A tristeza, o ódio e o medo, estão entre as emoções mais expressas nos comentários. As emoções que aparecem são, em maioria relacionados à condição das crianças e seus familiares afetados pela conduta de Wellington, ou a banalização do sofrimento, que, neste caso os sentidos se referem à categoria “**causalidade/livre-arbítrio**”, já que esta categoria revela o senso-comum de que uma atitude dessas só pode ter sido articulada de maneira fria, calculista, racional.

Assisti aos videos do atirador dentro da escola, as crianças sendo baleadas, triste demais!

*ao atirador de crianças do RJ: VAI ARDER NO INFERNO,
FDP!*

Fiquei indignada quando vi a matéria mais cedo! Não consigo imaginar o que uma pessoa dessas tem na cabeça... Já

passou de insanidade! Omínimo que deveria ter ocorrido a ele... Era a vida. Pois, ai sim ele ia sentirna pele o que cada pai e mãe estão sentindo hoje! Ele teve a "sorte"de morrer e ainda vem pedir para que o limpem antes de colocarem no caixão eque apenas uma pessoa "pura" toque seu corpo! Tem que jogar no lixão paraapodrecer!

////////////////////////////////////
 //////////#LUTO#realengo

Hoje a Patty tava tão triste pelo que aconteceu no#realengo ela até chorou lá na escola :(foi de partir o coração.

Força as famílias das vítimas da escola de Realengo, aqui no Rio. E tb para os estudantes que ainda estão lutando pela vida nos hospitais.

Meus sentimentos para as crianças acidentadas emRealengo , RJ .

Vou ficar com essa foto por 7 dias em homenagem às crinças de Realengo. To muito triste com esse fato!

mas agora todos os loucos de pedra, sofredores de bullying vão se inspirar no atirador do rio! #MEDO

Comentários revoltados, relacionando o acontecimento à outras injustiças cometidas no país, outros parecem não encontrar sentido em tantos comentários relacionados à mais uma tragédia que mais parece televisa do que real.

por que aquele doente não invadiu a Assembléia Legislativa e atacou os deputados hein?! #realengo

GNT JA CHEGA DESSA HISTORIA DE REALENGOPORRA
QUE SACO

Explicativa/motivo:

Entre as superstições, em nível coletivo, além do intersubjetivo, aparecem associações, buscas de explicações (supersticiosas) mencionando terroristas, vândalos, assassinatos em sério como já muito noticiado acontecimentos do gênero em colégios americanos:

Os brasileiros preferem copiar tudo de ruim que os americanos mostram para o mundo, ao contrário de aproveitar os bons exemplos!... Lamentavelmente, uma hora ou outra, isto iria acontecer!...

COM CERTEZA, ISSO QUE ACONTECEU, NÃO TEM NADA A VER COM RELIGIÃO E SIM, TERRORISMO, PURO. A POLICIA DEVERIA INVESTIGAR QUEM FORNECEU AS ARMAS, A MUNIÇÃO E A CARTA, POIS, COM AQUELA LETRA, DA ASSINATURA, NÃO COMBINA COM O TEXTO, CORRETAMENTE ESCRITO, QUASE SEM ERROS ORTOGRÁFICOS. A LETRA É DE UMA PESSOA SEMI-ANALFABETA...FAÇAM SUAS COMPARAÇÕES. E, POLÍCIA, INVESTIGUEM, POIS, SE FOI TERRORISMO, VAI ACONTECER EM OUTRAS ESCOLAS...E NOSSAS CRIANÇAS, Ñ MERECEM. PÊSAMES AS FAMILIAS...

Chamada para ação:

Já a categoria “chamada para ação” refere-se às ações implícitas ou explícitas para solucionar as questões referentes ao sofrimento do outro. Elaborações de soluções, prevenções, saídas não necessariamente viáveis ou éticas, mas já apontam reflexões em andamento.

Longe de mim julgar o policial que impediu o atirador de fazer mais vítimas, mas que a história do suicídio está mal contada, ah, isso está

Curioso...pq não prendem SEMPRE quem vende arma ilegalmente? Só foram atrás por causa da repercussão do caso. #Realengo

Quer dizer que o sargento não poderia ter matado o atirador por causa dos direitos humanos??? Que porra é essa ????

ALGUEM AÍ SABE ONDE TA O PESSOAL DOS DIREITOS HUMANOS? OU ELES SO APARECEM PRA PROTEGER, B-A-N-D-I-D-OS?

O primeiro comentário publicado na Folha.com revelou um olhar crítico de um leitor na chamada para ir além da imaginação, das paixões tristes, ilusórias e imediatas, recuperando uma perspectiva reflexiva, ao simplesmente comentar:

Boa hora pra ler FOUCAULT!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! !!!

A categoria banalização também aparece como forma de humor, porém, também para criticar o absurdo das notícias utilizando o recurso da ironia, desta forma a piada também parece uma forma de enfrentamento:

Gover::nadores que se cuidem, pois os **P.:gue.:rilhe.:iros.:T** podem aprontar alguma em outro estado para desviar a atenção do Rio queridinho do seu **Ca::bral**.

Terroristas evangélicos fazem terrorismo no tweeter sobre atirador de #realengo 0_0

Se o próprio atirador disse na carta que espera a ressurreição de Jesus, como podem dizer que ele era islâmico se o islamismo não crê nisso?

Só acho que chamar esse assassino de "atirador" é jogar no lixo toda a boa reputação dos grandes atiradores esportistas e policiais.

"Em ciência militar, um atirador é um soldado de infantaria ou de cavalaria colocado nos flancos ou numa posição avançada em relação..."

Senhor cientista e pensador, acho que sua intenção foi a-pa-re-cer.

nossa, que carta ridícula do atirador do rio.

Rodrigo Pimentel, no RJTV, parabeniza a polícia pela velocidade que encontrou donos da arma Ótimo trabalho, demoraram só 18 anos! #realengo

Outros usuários conseguem ir além do afeto imediato e do sensacionalismo para colocar questões relacionadas às bases materiais de uma sociedade fragmentada tal como a grande mídia brasileira. O que acontece com os comentários classificados na categoria “instituições” (segurança pública e polícia, escolas, organização política da nossa sociedade com campanhas democráticas ou medidas autoritárias) na crítica aos órgãos reguladores da verdade.

Isso mostra a segurança que temos nas escolas estaduais.....i

Gente não estamos enxergando. A culpa de tudo isso é do Estado. Nosso país está vivendo uma época de impunidade e desobediência civil. Depois de 8 anos de mandato do cidadão, o povo acostumou-se a não respeitar regra nenhuma. Este cidadão prestou um deserviço ao país. E o povo paga pelos desmandos desse cara

ainda estamos numa DEMOCRACIA, preferência NÃO é nem nunca foi PRECONCEITO, prefiro religiões que respeitam a mulher e os direitos humanos, sua opinião sobre minha mente não tem nenhum efeito sobre mim e assim como a senhora teve a sua resposta me JULGANDO digo que a senhora NÃO CONHECE a religião mencionada

Não é culpando mais, os professores ficaram quietos vendo os alunos sendo alvejados ? Quando eu estudava tinha aquela estória que a escola era a segunda casa e vejo tantas notícias de pais e mães que deram a vida por seus filhos, eu não gostaria de viver com o peso de nem mesmo ter tentado salvar uma vida.

1,2,3,4,5,6,7,8,9,10!Humm..diz em que antes que um desasossego,um surto,um sentimento qualquer de perda do controle que faça vc sair do equilibrio nervoso lhe ocorra falam linguas sábias:" devemos contar até 10"!Deus do céu!?Quantas mais somas deveremos contar?Vc viram o que foi isso!?Eu não sei!!Não encontro explicação plausível!É realmente o fim da humanidade civilizável tal qual nós a conhecemos!Será que nós,humanos mamíferos,sómos criaturas racionais?!Não tenho mais certeza!É questionável!!!!

Do jeito que anda a nossa sociedade, onde os valores sociais e respeito pelo diferente são incompreensíveis desde a infância tava demorando pra acontecer um caso como esse, criaram um monstro que só fez escapar da jaula que o aprisionava, ele mesmo. E o pior inocentes pagaram sem saber o pq.

E lá vem o governo com suas soluções: uma nova campanha de desarmamento. Todos sabemos que o governo não quer gastar com infraestrutura principalmente na área de educação e saúde. Nas escolas, por exemplo, deveriam ter psicólogos e porteiros, mas não têm. Sequer são capazes de pagarem salários dignos aos professores.

Em vez de "DECRETAR" luto nacional PELA IMENSA TRAÉDIA QUE VIMOS,os GOVERNOS ESTADUAIS E FEDERAIS devem ao povo deste país INCREMENTAÇÃO DA SEGURANÇA PÚBLICA!Não adianta "proibir" a compra de armas(BAN DI NÃO COMPRA ARMA)MAS DEVE-SE OBRIGAR O CIDADÃO A SUBMETER-SE A EXAMES

PSIQUIATRICOS.A população JÁ ESTÁ INDEFESA HÁ MUITO TEMPO E NEM SE LEMBRA + QUE A LEI LHE DÁ O DIREITO DE LEGÍTIMA DEFESA DE SI E DOS SEUS!GOVERNOS, SENADO, CAMARA, CUMPRAM COM SEU DEVER! NÃO FACILITEM LEIS P/ OS MELIANTES!

E, curiosamente, muitas críticas à forma como os usuários de outra rede social estavam citando o acontecimento, ou seja, questionamentos sobre a forma como os próprios usuários estavam criando informações se debruçando sobre o caso de Wellington.

:: Sinceramente, não aguento mais comunidades do caso de realengo do rj, o Orkut tá pior que o programa da sônia abrão ja :@ - -

*"Perfil do Orkut atribuído a atirador de Realengo tem citações bíblicas e explora temas como morte, inferno e ressurreição" religião **WIN?***

*Comunidade relacionada em uma comunidade de umas das meninas mortas em realengo: "O tamanho do meu short (61.825)" **sem + por hj***

7 Discussão final

A intenção ao escolher os comentários na internet despertados pelas notícias surgiu com a possibilidade de compreender a voz dos usuários em destaque através das ferramentas de comunicação e relação na internet, entre os outros meios de comunicação. Buscando assim ressaltar as tecnologias digitais como tecnologias para uso na direção da emancipação humana, já que, somente a possibilidade de interatividade e da capacidade de afetar milhões de pessoas no mesmo instante, com o mesmo conteúdo publicado, demonstra o potencial de ação individual e coletiva dessas tecnologias. Por isso é importante entender a dualidade da técnica além da massificação e do determinismo.

Porém os dois lados da técnica foram constatados ao longo da pesquisa. O lado da banalização e da fragmentação da realidade pode ser discutido com a ideia do compromisso ético-político com o sofrimento do outro. Os resultados, analisados nos comentários para as duas tragédias pessoais noticiadas, apontaram algumas reações esperadas, devido à forma espetacular que foi noticiado o caso de Wellington. Seu suicídio e seu sofrimento foram praticamente ignorados nos comentários coletados. O sensacionalismo dos noticiários parece direcionar as reações. Entre tantas desinformações, os únicos que poderiam contar alguma verdade eram os familiares das vítimas que presenciaram a realidade que foi noticiada. De resto, o apelo emocional sensacionalista tomou conta das notícias. Se a internet possibilita infinitas recombinações culturais e ferramentas para comunicação, a televisão tem suas limitações, como citado com a ajuda de Chauí (2006) na análise dos comentários sobre Wellington sobre o poder da mídia, vale a pena destacar duas “regras de ouro” para expor a preocupação com os noticiários no formato televisivo: *A morte televisiva é melhor do que a vida: na morte tudo está claro e decidido, na vida tudo é ambíguo, fluido, não completamente decidido, aberto a*

muitas possibilidades. / Assuntos curtos com começo, meio e fim, são melhores do que assuntos longos que exigem pluralidade de informações e aprofundamento de pontos de vista.

Como visto, alguns usuários apontaram o cansaço perante o sensacionalismo, a busca de outras explicações perante a história “mal contada” de Wellington, e, sem encontrar melhores respostas, a maior parte dos comentários revelaram ideias supersticiosas, imaginárias, preconceitos, explicações religiosas, condenação imediata da conduta de Wellington, emoções prevalentes de tristeza, ódio, e a solidariedade apareceu relacionada às vítimas e seus familiares, ignorando o suicídio de Wellington que nem mesmo teve seu nome reproduzido nos comentários, quando virou o “monstro” ou “atirador”. Quando, na minha interpretação, as reflexões necessárias para algum entendimento, algum esclarecimento e expansão de ideias, estaria na possibilidade de entender o sofrimento em todo o contexto, principalmente na forma perversa que as emoções são exploradas pela mídia, pelo menos é isso que nesta pesquisa buscou-se apontar ao identificar os sentidos do sofrimento.

Já no caso de Cibele, sua conduta suicida foi comentada, em alguns casos admirada, em outros condenada. Uma diferença é que Cibele anunciou seu suicídio e a polêmica voltou-se à sua conduta suicida, primeiramente e depois, ao fato de comunicar seu suicídio por email e Twitter, citando outras pessoas que não desejavam essa exposição através de sua carta de despedida publicada na internet. Neste caso fica evidente o suicídio como gesto de comunicação, e a necessidade da busca da visibilidade do afeto. Assim, esse gesto é que foi alvo dos comentários.

Se, por um lado, a comunicação sobre o caso de Wellington não centralizou-se no seu suicídio e gerou comentários que apontam insatisfação de usuários com a própria mídia, com a polícia, entre outras instituições que não pareciam responder as dúvidas sobre o assunto, o caso de Cibele concentrou-se na questão da intimidade que busca a publicidade.

A intimidade é também um tema polêmico na comunicação na internet. Ao pensar, que, há pouco tempo atrás as chamadas “revistas de fofoca” relatavam a vida das celebridades, hoje a internet traz essa possibilidade para cada usuário, de publicizar sua intimidade, suas viagens, imagens, citações favoritas, status de relacionamento. Acho possível afirmar que a internet é uma tecnologia a ser descoberta. Os padrões da grande imprensa ainda definem muito do que experimentamos na internet. Por isso muitos pesquisadores, como constatei na minha jornada na pós-graduação, ainda compreendem a internet como apenas mais um meio de comunicação, como é a linguagem falada, por exemplo.

Antes de entrar neste debate, ainda sobre o sofrimento do outro, no caso de Cibele, seu sofrimento e o suicídio foram mais comentados, buscando compreender, ou buscando expressar sentimentos relacionados, como o espanto com o conteúdo e a identificação com os sentimentos de sua carta de despedida. Isso pode estar relacionado com o fato de que neste caso, o conteúdo sobre o suicídio e o sofrimento parte da própria autora. Outra observação pertinente, nos dias de hoje, é o fato constante entre as celebridades políticas ou estrelas da TV, de possuírem páginas pessoais nas redes sociais, o que permite a interatividade do usuário/fã/seguidor ou até mesmo a menção direta pela grande mídia do Twitter de uma celebridade que não quer conceder entrevistas. Esta lógica parece, em parte, acontecer no caso de Cibele. Nenhum comentário questionou a veracidade das informações, ao contrário do caso banalizado, do ódio coletivo que apareceu na “história mal contada” de Wellington.

No caso de Cibele, os comentários parecem mais pessoais e íntimos sobre seu sofrimento. Nesse sentido a internet parece ser sim, uma ferramenta na direção do sentir, de reflexões do sofrimento do outro, destacando este lado potencial e a ideia do sofrimento e dos afetos como questão ética e política. Essa pesquisa evidencia este lado, ciente de que o individualismo é uma das maiores causas do sofrimento ético-político, porém os resultados para as perguntas dessa pesquisa apontam direções e não soluções. Até porque, no

sentido de pensar causas, soluções e prevenções do suicídio, o que não é o objetivo deste trabalho, além disso, o que mais apareceu no caso de Cibele nos sentidos do sofrimento do outro, foram ideias religiosas e moralistas de caridade, de valor à família, sem o alcance necessário para elucidar as emoções e sofrimentos psicossociais relacionados com sua conduta.

Quanto à expressão das emoções na internet, a interpretação dos comentários trouxe algumas respostas. Durante a análise foram destacados em negrito a transformação dos registros escritos em movimento, como emoticons, indicações de risos, lágrimas, que demonstram o aspecto relacional da comunicação na internet, onde não basta escrever, é preciso expressar o que há de pessoal naquele conteúdo, e um esforço para que os interlocutores entendam, mesmo que indiretamente.

Se muitos recursos utilizados já existiam, por exemplo, na troca de cartas, com a criação de novos protocolos de comunicação e compartilhamento de conteúdo na internet, a criação de redes sociais, a possibilidade de interação nos blogs e através dos comentários, essas novidades modificam a comunicação e com isso os usuários que buscam encontros e expansão dos afetos e reflexões na internet, buscam formas mais interessantes e eficazes de comunicação.

Para poder concluir a pesquisa, foi preciso compreender a ideia de “linguagem interior” em Vigotski. Em “A construção do pensamento e da linguagem”, Vigotski (2009) explica sobre a base afetivo-volitiva da consciência e para isso mostra ao leitor o que entende como linguagem interior.

O conceito de linguagem interior interessa para esta pesquisa na medida em que permite entender sobre “a escrita oralizada” na internet, quando o cotidiano e o complexo se encontram na comunicação pela internet, nos comentários, registros escritos coletados na internet, de um tema igualmente complexo como a morte e o suicídio, que desperta ideias e sensações ou emoções como foi constatado nos comentários. Assim, o enfoque na escrita ao resgatar a linguagem interior para esta análise, permite diferenciar esta pesquisa de uma abordagem semiótica, oferecendo subsídios para ir além da análise semântica do sentido.

Como visto em Silva (2008) e Recuero (2012), os emoticons, onomatopeias, dão à comunicação na internet um aspecto de escrita oralizada. Recuero (2012), pesquisadora das redes sociais, afirma que as linguagens escrita e oral se misturam na comunicação pela internet. Se inicialmente apenas a linguagem escrita era suportada pelas ferramentas da internet, para acontecer a conversação, surge uma escrita “oralizada” como uma adaptação da linguagem. Elementos da língua escrita “traduzidos” para a língua falada, para indicar, por exemplo, o sarcasmo. Uma das primeiras convenções foi a criação de emoticons, que já eram utilizados na comunicação por cartas, mas foram popularizados na internet. Por exemplo “ :-(“ o emoticon que indica tristeza, além do uso de onomatopeias, a repetição de letras para caracterizar a prosódia, já que nem sempre os internautas possuem contato direto, como em uma conversa pessoal e oralizada. Além da existência de comunicação específica em determinado grupo de usuários, como é o caso de algumas “tribos” adolescentes.

Assim como Recuero, Marcimedes (2008, p. 33) destacou a palavra escrita que sustenta e é apoiada “pela produção das máquinas em série e pela divulgação dos programas que possibilitam a digitação das palavras. [...] ainda que a tecnologia já permita a comunicação oral, o que tem dominado é a palavra escrita e a transmissão de imagens acionadas pela digitação”.

Sobre a conversação na internet, o autor também afirmou que:

“Ainda que a possibilidade de escrever reservadamente exista, é justamente a manutenção do próprio anonimato entre tantos outros anônimos que é excitante e que possibilita total liberdade de expressão. Cada um apenas um conjunto de frases visuais, as quais nem sempre parecem ter sentido ou conseguem transmitir o que deseja. Por isto mesmo, os “smileys” (figuras simbólicas indicando sorrisos e outras expressões) ou os “emoticons” (ícones para expressar emoções) tornou-se forma usual de expressão dos internautas. Eles substituem as expressões sentimentais e são também linguagens,” (Silva, 2008, p. 35).

Segundo Recuero (2012) a novidade da comunicação pelas redes é a necessidade de transmitir a ideia de movimento, de ação, na conversação, como no emoticon “ :* ”, o usuário não apenas “manda um beijo” mas literalmente coloca uma convenção onde ele “dá” o beijo.

Para desenvolver essas reflexões, a discussão segue centralizada no conceito de linguagem interior. É preciso entender em Vigotski (2009) a relação da linguagem interior com o pensamento e com a palavra e portanto elucidar as diferenças tanto do pensamento quanto da palavra, na medida em que a linguagem interior é uma linguagem para si e a linguagem exterior é uma linguagem para os outros, diferença radical e fundamental que define a natureza estrutural de cada uma dessas funções discursivas.

A linguagem interior é oposta à linguagem exterior mesmo quando é reproduzida na memória. Se a linguagem exterior é o processo de transformação do pensamento em palavra, a materialização da palavra e sua objetivação na linguagem interior acontece no processo oposto: caminha de fora para dentro, como um processo de evaporação da linguagem no pensamento. Daí a sua estrutura com todas as diferenças que a distinguem da linguagem exterior. A linguagem interior chega a ser quase a área mais difícil de investigação da psicologia (VIGOTSKI, 2009).

É importante diferenciá-la da linguagem egocêntrica, que ainda é vocalizada, sonora, uma linguagem exterior. Mas é ao mesmo tempo uma

linguagem interior de forma precoce e passa por uma transição onde a linguagem egocêntrica transforma-se em linguagem interior, porque a linguagem egocêntrica é interior já que inicialmente sua função é social, mas é externa na medida que é principalmente uma linguagem para os outros, vocalizada.

Em sua evolução assemelha-se à linguagem interior, quando deixa de ser tanto um acompanhamento e passa a ser uma melodia independente, função autônoma, com objetivo de orientação intelectual, tomada de consciência e superação de dificuldades, obstáculos, reflexão. Uma linguagem para si, íntima para o pensamento. Seu desenvolvimento é sim uma evolução e não patologia, quando deve evoluir para a linguagem interior.

Outra diferença radical entre a linguagem interior e exterior é a ausência de vocalização. Ou seja, uma melodia interna, porém muda, silenciosa, já que, obviamente, não é externa. A linguagem para si, isto é, a linguagem interior, é levada para fora com a socialização, na linguagem egocêntrica a linguagem para si desenvolve-se de dentro para fora, porque é caracterizada pela ilusão da compreensão, onde o coletivo é apenas monológico, exterior. Já a linguagem interior, por sua natureza psicológica é que é interior por função estrutura, e não por manifestações externas.

Se esta pesquisa analisou os registros escritos, rastros de afetos e ideias deixados pelos usuários na internet é preciso voltar esta compreensão para o discurso escrito.

Como explica Vigotski (2009), o discurso escrito é um discurso feito na ausência de interlocutor. Não há um sujeito comum, os interlocutores encontram-se em diferentes situações. O discurso precisa para comunicação, ser desenvolvido ao máximo em seu pensamento.

Desta forma é válida a comparação com o discurso falado, e talvez com a “escrita oralizada”.

Se para Vigotski é preciso empregar mais palavras na linguagem escrita do que na linguagem falada, então a comunicação cotidiana na internet é diferenciada destas reflexões mas deve ser compreendida em sua complexidade, afinal abrange uma infinidade de combinações de afetos e ideias. Importante, aqui, diferenciar as formas dialógicas e monológicas do discurso. A linguagem falada na maioria dos casos aparece como formas dialógicas, a linguagem escrita e interior são formas são formas monológicas de linguagem - essas afirmações, no entanto, precisam ser desenvolvidas. Porque o diálogo sempre pressupõe a percepção visual do interlocutor, sua mímica, seus gestos, bem como a percepção acústica de todo o aspecto do tom da fala. Assim permite compreensão e comunicação através de insinuações, olhares.

Talvez, por isso estudiosos da cibercultura afirmam que a comunicação na internet aparece como uma “escrita oralizada”, onde os elementos da escrita podem transmitir a ideia de movimentos e emoções, com certas combinações de letras, pontuações, palavras e sinais, para passar uma ideia de entonação nas diferentes nuances dos significados e sentidos das palavras.

Vigotski (2009) afirma a linguagem escrita como ao mesmo tempo a mais exata e prolixa, e por isso, a mais desenvolvida, quando é também linguagem interior. Se na linguagem falada, o diálogo é a forma mais natural, transmitida por entonação e a percepção imediata, na linguagem escrita é preciso transmitir a situação por palavras. O monólogo pode parecer artificial, mas em seu aspecto psicológico, o discurso dialógico é o mais primitivo. Essa afirmação parte do princípio que o diálogo, enquanto ação coletiva (externa, função de socialização) é uma simples ação, por ser definida como um enunciado emitido imediatamente, onde não há composição complexa, apenas réplicas e cadeias de reações.

Já uma ação volitiva complexa é o caso do monólogo que é caracterizada por reflexão, luta de motivos e escolhas. Ao introduzir fatos verbais na consciência, nela introduz-se atenção e concentração. Vigotski

(2009) define a linguagem interior como um rascunho mental da escrita. Ele exemplifica com a complexidade do rascunho, pois o momento de reflexão do discurso escrito é muito intenso, mesmo sem cópia. O caminho entre o esboço e o ato de passar a limpo é uma via de atividade complexa. Primeiro falamos para nós mesmos, depois escrevemos, o que, claramente, configura-se como uma linguagem interior, em toda sua complexidade.

Um exemplo da linguagem interior no que estou chamando de escrita oralizada e como complexo discurso monológico está na obra do escritor Dostoievski quando fala da linguagem dos bêbados em Vigotski (2009 p. 455) e afirma que todos os pensamentos, sensações e até mesmo reflexões profundas podem ser expressas com apenas uma palavra, quando a entonação transmite o contexto psicológico interior do falante.

Tomando este aspecto oral da linguagem interior para a “escrita oralizada” na internet, apenas aquele que comenta, que escreve pode fazer com que sua palavra, conscientizada, seja entendida pelos outros, na internet. Um monólogo voltado de dentro para fora, para a socialização, atividade complexa de síntese de pensamentos e emoções, ao se transformar em linguagem escrita, o autor busca transmitir o sentido da sua consciência para um interlocutor, que está ausente no momento da produção, mas sua recepção é a motivação da escrita, por isso um monólogo, pela ausência do interlocutor. Não foi possível analisar diálogos nessa pesquisa, mas os registros escritos, onde o texto é voltado fora para dentro, aparece como uma melodia escrita. Porém longe de ser uma partitura musical ou um texto teatral. Um rascunho de uma linguagem que pretende ser universal ao ser publicado em rede, ou no caso do estudo das emoções, um gesto de comunicação que pretende afetar e ser afetado.

Afinal, no caso dos bêbados, trata-se de uma conversa na literatura, na prosa. No caso da poesia trata-se de uma arte onde há economia das palavras, mas dirige-se ao público fruidor, é uma linguagem interior mas não trata-se de uma conversa, é escrita e sem interlocutor em comum. A conversa na internet pode ser vista como uma “tagarelice cotidiana”, onde há aspectos

da linguagem interior, porém, voltada para a socialização, o que traz o aspecto oral e exterior da escrita oralizada. Mas, no caso desta pesquisa, não trata-se de uma conversa com interlocutor comum e nem uma forma de arte, como a literatura ou o teatro que tem uma relação com o público diferente de uma relação cotidiana em uma conversa. A escolha de um tema complexo, o suicídio e a morte, da forma como são noticiados, mesmo que em um formato espetacular, sensacionalista com apelo emocional, força o leitor a expressar os pensamentos também com economia de palavras já que tratam-se de comentários e não livros, nem mesmo um texto em um site de domínio próprio, revista online ou blog, publicações que permitem mais espaço de escrita e outros recurso de imagens.

No caso desta pesquisa, tratam-se de comentários em registros escritos de autores usuários na internet, que mostram a recepção das emoções, na forma como são expressas, porém, o que define o comentário é o fato de estar vinculado à um domínio específico na internet, por isso que estes autores são aqui chamados de usuários – usuários do Twitter, que é também chamado de microblog, mas é visto aqui fundamentalmente como uma rede social de comunicação entre usuários e no site Folha.com são usuários/leitores deste site de jornalismo.

Para Vigotski (2009), em termos psicológicos a linguagem interior é formada apenas por predicados, na linguagem interior o sujeito é sempre omitido e é por isso que constitui-se apenas de predicado, porque na linguagem interior nunca precisamos nomear aquilo de que se fala, isto é, o sujeito. Limitando ao que se diz desse sujeito (ao predicado).

Isso foi observado principalmente nos comentários coletados na internet onde, devido às limitações de espaço e de caracteres, usa-se e abusa-se de elementos indicativos do sentido do sujeito e não do sujeito, da expressão da emoção e não da emoção propriamente dita. O sentido do sofrimento do outro colocado ao expressar emoções direta ou indiretamente nos registros escritos precisa de recursos para transmitir essa ideia aos interlocutores, os emoticons que podem indicar a lágrima, na onomatopeia

pode indicar o riso, ou na palavra que resume todo o sentido em uma hashtag, mas que não aparece só como hashtag por não ser somente uma palavra, mas uma palavra que expressa o sentido central, que ilumina a linguagem escrita, através da imersão na linguagem interior, sem expor-se enquanto sujeito que identifica-se, quando o importante é o desejo de transmitir a consciência, o pensamento através da expressão da emoção e movimento, o que indica que a comunicação na internet destaca a visibilidade de afetar e ser afetado.

Se não é possível abordar aqui toda a complexidade da comunicação pela internet, a semelhança com a linguagem interior foi uma saída para concluir as reflexões sobre as emoções na internet. Principalmente quando Vigotski explica (2009) que a linguagem falada, exterior é um meio-termo entre a linguagem escrita e a linguagem interior.

Para Vigotski (2009) a linguagem interior é um discurso quase sem palavras. Isso quer dizer que a redução ao mínimo do verbal, observado na linguagem interior, revela a orientação da consciência, quando atinge sua plenitude.

Mesmo que os comentários não alcancem esta plenitude, ou o fato desta pesquisa poder afirmar isto, o que exigiria mais recursos metodológicos, buscou-se nesta pesquisa apontar a relevância de explorar as relações e comunicações construídas na internet como questão ética e política que possibilitam ações individuais e coletivas. Continuando as reflexões de Sawaia (2008) sobre a investigação dos afetos e do sofrimento para compreensão da raiz conflituosa de uma sociedade fragmentada e perversa, a emoção aparece nesta pesquisa como expressão do afeto, do sentido e a passagem do afeto ao sentido, com o auxílio do conceito de linguagem interior para este estudo inicial, permitindo rever os principais pressupostos apresentados por Vigotski (2009, p. 465) sobre a origem do pensamento e da palavra:

O sentido predomina na palavra, sobre o seu significado, na linguagem interior, o sentido da palavra, como soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência.

O sentido é uma formação dinâmica, fluida, complexa, de várias zonas de estabilidade variada (e o significado sendo apenas uma dessas zonas que a palavra pode adquirir em um contexto e uniforme, não muda, permanece estável em todas as formas de sentido).

O sentido real de uma palavra é inconstante (por isso não pode ser somente semântico) e pode mudar de acordo com o contexto. Quando o sentido é intelectual e afetivo há um enriquecimento das palavras que o sentido lhes confere.

A palavra é dinâmica e se incorpora ao contexto dos conteúdos intelectuais e afetivos, e assim os significados se ampliam. Se as palavras mudam de sentido, há uma regra constante na linguagem interior: sempre, na linguagem interior haverá o predomínio do sentido sobre o significado, da frase sobre a palavra, de todo o contexto sobre a frase. “a palavra parece reunir o sentido das palavras antecedentes e consequentes, ampliando quase ao infinito o âmbito do seu significado.” (Vigotski, 2009, p. 470)

Outra regra sobre a linguagem interior é que esta é bem mais carregada de sentido do que a exterior, e por isso, muito mais difícil de compreensão. Mesmo sem saber a verdadeira motivação dos usuários que comentam e talvez, mesmo sem saber a verdade sobre os fatos noticiados, já que “é incompleta a compreensão do pensamento do interlocutor sem a compreensão do motivo que o levou a emití-lo” (VIGOTSKI, 2009), ou seja, somente como causa parcial se conhece a motivação do interlocutor na escrita ou o sentido expresso no comentário sobre o sofrimento do outro. Isso pode indicar o porquê de tantos desencontros na comunicação de assuntos complexos na internet, que muitas vezes mais geram desentendimento do que expansão das reflexões. A comunicação pela internet, tão cotidiana, e muitas vezes tão banalizada, aqui é afirmada como importante objeto de estudo para o psicólogo social, concordando com Nicolaci-da-costa (2002), porque fomenta a potencialidade de revelar e representar os mais variados dramas humanos.

Longe de esgotar as reflexões sobre a expressão das emoções na internet, conclui-se que existem as redes que normatizam e que direcionam o que deve ser anunciado, mas nem por isso anulam a potencialidade de expansão do sentir e do agir na internet. Como foi pesquisado é constante a interação entre os usuários que criam novas regras de comunicação, e com isso novas formas de expressar densas reflexões, que, se aparecem ao leitor com o aspecto de superficialidade, com um olhar crítico é possível compreender o movimento das emoções nessas expressões, que não devem ser banalizadas como emoções “virtuais”. Como constatado nessa pesquisa o que prevalece é o desejo de afetar e de ser afetado.

A criação humana de tecnologias de comunicação, através do compartilhamento de conteúdo digital e outras ferramentas da rede, em sua dualidade, parece expandir os afetos e sentidos humanos, através dos encontros que promove, demonstrando uma potencialidade que em ato, parece mesmo despertar primaveras... Já que o uso ético dessas ferramentas depende do próprio homem e não do instrumento, como mostra a história.

8 Bibliografia

ABRAMO, P. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. Fundação Perseu Abramo: São Paulo, 2009.

ADORNO, T. ; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 1985.

AMADEU, S. As políticas da sociedade informacional, propriedade imaterial e cultura digital. In: *Comunicação & Sociedade*. Ano 33, n. 57, p. 59-78. São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/3009/2926>>.

_____. Direitos autorais no mundo digital. In: *Revista Observatório Itaú Cultural*. n. 9. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br/bcodemidias/001727.pdf>>.

ARENDT, H. *A condição humana*. Forense Universitária: Rio de Janeiro, 2008.

CASTELLS, M. *Comunicación y Poder*. Alianza: Madrid, 2009.

BARRETO, M. *Assédio Moral, a violência sutil: análise epidemiológica e psicossocial no trabalho no Brasil*. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

BARRETO, M. VENCO, S. O sentido social do suicídio no trabalho. In: *Revista Espaço Acadêmico*. n. 8. p. 1-8. 2010. Disponível em: <http://www.assediomoral.org/IMG/pdf/Selma_Venco_e_Margarida_Barreto_-_O_sentido_social_do_suicidio_no_trabalho_1_.pdf>.

BARRETO, M. *Violência, saúde e trabalho: uma jornada de humilhações*. EDUC: São Paulo, 2003.

BRUM, E. AZEVEDO, A. 2006. *Suicídio.com* Revista Época. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI60229-15228-3,00-SUICIDIOCOM.html>>.

Castells, Manuel. *A Galáxia da Internet*. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2003.

_____. *Comunicación y Poder*. Alianza: Madrid, 2009.

CHAUI, M. *Espinosa: uma filosofia da liberdade*. Moderna: São Paulo, 1995.

_____. *Simulacro e poder: uma análise da mídia*. Editora Fundação Perseu Abramo: São Paulo, 2006.

_____. *Desejo, ação e paixão na ética espinosana*. Companhia da Letras, São Paulo, 2011.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Mídia e Psicologia: produção de subjetividade e coletividade*. Conselho Federal de Psicologia: Brasília, 2009.

CORREIA DE LIRA, J. T. Suicídio e Preservação de Si; em torno de um grau zero de conatus. *Cadernos Espinosanos*. v. 1 n. 2 p. 113-134. Departamento de Filosofia da USP, São Paulo, 1996.

Daily Mail. 2010. 'Took all my pills, bye bye': Woman commits suicide on Facebook... and none of her 1,082 online friends help'. Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/news/article-1344281/Facebook-suicide-None-Simone-Backs-1-082-online-friends-helped-her.html>>.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Contraponto: Rio de Janeiro, 1997.

ESPINOSA, B. *Ética. Authêntica*: Belo Horizonte, 2010.

Folha.com / BBC BRASIL. 2011. *Facebook desenvolve sistema para alerta de suicídios*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/bbc/885872-facebook-desenvolve-sistema-para-alerta-de-suicidios.shtml>>.

Folha.com. 2011. *Atriz Cibele Dorsa morre após cair de seu apartamento, em SP*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/894284-atriz-cibele-dorsa-morre-apos-cair-de-seu-apartamento-em-sp.shtml>>.

Folha.com. 2011. "*Ele gritava: 'Fica tranquilo, gordinho, não vou te matar'*". Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/899965-ele-gritava-fica-tranquilo-gordinho-nao-vou-te-matar.shtml>>.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R. ; AMARAL, A. *Métodos de Pesquisa para internet*. Sulina: Porto Alegre, 2011.

LANE, S; SAWAIA. B. (Orgs.) *Novas veredas da psicologia social*. Brasiliense/EDUC: São Paulo, 1995.

LEMOS, A. LÉVY, P. *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*. Paulus: São Paulo, 2010.

LÉVY, P. *Cibercultura*, Editora 34: São Paulo, 1999.

_____. *Ciberdemocracia*. Instituto Piaget: Lisboa, 2002.

LIPOVETSKY, G. *A era do vazío*. Relógio D'água: Lisboa, 1989.

MARX, K. *Sobre o suicídio*. Boitempo: São Paulo, 2008.

NAMURA, M. R. *O Sentido do Sentido em Vygotsky: uma aproximação com a estética e a ontologia do ser social de Lukács*. Doutorado em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2003.

NETTO, N. *Educação, saberes psicológicos e morte voluntária: fundamentos para a compreensão da morte de si no Brasil colonial*. Doutorado em Educação: Psicologia da Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2012.

_____. *Suicídio: uma análise psicossocial a partir do materialismo histórico dialético*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2007

NICOLACI-DA-COSTA, A. *Revoluções Tecnológicas e Transformações Subjetivas*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. v. 18 n. 2. p. 193 -202. Brasília, 2002.

RECUERO, R. *A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet*. Sulina: Porto Alegre, 2012.

SAWAIA, B. *As artimanhas da exclusão*. Vozes: Petrópolis, 2008.

SAWAIA, B. *Da consciência à potência de ação: um movimento possível do sujeito revolucionário na psicologia social laneana*. In: MEDRADO, B. ; GALINDO, W. (Orgs.). *Psicologia Social e seus movimentos: 30 anos de Abrapso*. Abrapso: Recife, 2011.

SILVA, M. *Suicídio: trama da comunicação*. Scortecci: São Paulo, 2008.

_____. *Internet como expressão da indústria cultural*. Scortecci: São Paulo, 2008.

SANTOS, M. *Patologia da Solidão: o suicídio de bancários no sentido da nova organização do trabalho*. Dissertação de Mestrado em Administração. Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

TURKLE, S. *Alone Together: why we expect more from technology and less from each other*. Basic Books: New York, 2011.

VIGOTSKI, L. *Psicologia da Arte*. Martins Fonte: São Paulo, 1999.

_____. *A construção do pensamento e da linguagem*. Martins Fontes: São Paulo, 2009.